



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

RITA CLARA DE OLIVEIRA SALES

**Espiritualidade, Psicodélicos e Bem-Estar:
Impacto da Orientação Religiosa no Uso de Substâncias
Psicoativas e Estratégias de Coping**

Recife

2024

RITA CLARA DE OLIVEIRA SALES

**Espiritualidade, Psicodélicos e Bem-Estar: Impacto da Orientação Religiosa no
Uso de Substâncias Psicoativas e Estratégias de Coping**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia Cognitiva. Área de concentração: Psicologia Cognitiva.

Linha de Pesquisa: Processos cognitivos básicos e complexos.

Orientador (a): Antonio Roazzi

Recife

2024

Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Sales, Rita Clara de Oliveira.

Espiritualidade, Psicodélicos e Bem-Estar: impacto da orientação religiosa no uso de substâncias psicoativas e estratégias de Coping / Rita Clara de Oliveira Sales. - Recife, 2024.

86f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Psicologia Cognitiva, 2024.

Orientação: Antonio Roazzi.

Inclui referências e apêndice.

1. Substâncias psicoativas; 2. Orientação religiosa; 3. Coping religioso espiritual; 4. Saúde mental; 5. Bem-estar psicológico.

I. Roazzi, Antonio. II. Título.

RITA CLARA DE OLIVEIRA SALES

ESPIRITUALIDADE, PSICODÉLICOS E BEM-ESTAR: impacto da orientação religiosa no uso de substâncias psicoativas e estratégias de *coping*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Psicologia Cognitiva. Área de Concentração: Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 06/11/2024

BANCA EXAMINADORA

POR VÍDEOCONFERÊNCIA

Prof. Dr Robson Savoldi (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

POR VÍDEOCONFERÊNCIA

Prof^a. Dr^a. Ana Iza Gomes da Penha Sobral (Examinadora Externa)
Universidade de Pernambuco

POR VÍDEOCONFERÊNCIA

Prof^a. Dr^a. Umbelina Rego Leite (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria do Socorro, a pessoa que me ensinou o gosto pelo conhecimento!

AGRADECIMENTOS

Parafrazeando uma pensadora contemporânea: Quero agradecer primeiramente a mim mesma, por não ter desistido!

Toda minha gratidão à minha mãe, a maior apoiadora dos meus sonhos, e a toda minha família, por sempre estarem na torcida por mim.

Agradeço ao meu querido amigo Thyago, pelo apoio e parceria durante o processo e todos os amigos e colegas que dedicaram uma parte do seu tempo para responder a pesquisa, sem vocês ela não teria acontecido.

Ao meu orientador, Antonio Roazzi, pelos ensinamentos e incentivos nessa trilha de aprendizagem da pesquisa acadêmica. Ao Robson, pelas preciosas dicas desde antes do início desse processo e pelo acolhimento em sua casa. Grata ao universo por ter me permitido aprender com pessoas que são referências para mim, nessa área.

Às plantas e fungos professores por me trazerem força, lembrando que essa força já está comigo. Por terem sido não só suporte psicológico, como também guias de iluminação para um caminho de evolução.

Ao CNPQ, pela concessão do financiamento durante o processo.

Ao deixar fluir o rio que em mim há
Deságuo no mar com facilidade
Não me enganar
Todo medo mora na ilusão

Olha no espelho dos olhos pra
reconhecer
Que a gente não se parece
Somos o mesmo ser
Vivendo a mesma pele
O mesmo envelhecer
O mesmo brilho nos olhos

(Advan Haschi)

RESUMO

Os psicodélicos são substâncias psicoativas capazes de alterar significativamente os estados de consciência, afetando tanto processos cognitivos quanto sociais. A literatura tem explorado como essas substâncias influenciam diferentes aspectos da vida humana, incluindo suas implicações sociais e psicológicas, muitas vezes mediadas pelos efeitos cognitivos que provocam. Esta dissertação tem como objetivo investigar as interações entre a orientação religiosa e o uso de substâncias psicoativas, bem como o papel do coping religioso/espiritual na maneira como os indivíduos lidam com o estresse e enfrentam adversidades, impactando sua saúde física e mental. O estudo foi dividido em duas etapas. O primeiro estudo analisou a relação entre a orientação religiosa e o uso de substâncias psicoativas. Os resultados indicaram que as crenças religiosas desempenham um papel central na decisão de usar ou não essas substâncias. Grupos religiosos tradicionais, como católicos e evangélicos, tendem a evitar o uso, enquanto indivíduos sem religião ou com orientações menos convencionais apresentam maior permissividade em relação ao uso de psicoativos. O segundo estudo, baseado em um delineamento transversal, investigou como diferentes grupos religiosos utilizam estratégias de coping religioso/espiritual (CRE) para enfrentar situações de estresse. Os resultados mostraram que o coping religioso positivo, como o fortalecimento da relação com Deus e o apoio espiritual, é mais comum entre indivíduos com uma forte orientação religiosa, enquanto aqueles sem religião adotam estratégias mais seculares e individualizadas. Ademais, foi observado que práticas espirituais, como o uso ritualístico de psicoativos em religiões ayahuasqueiras, desempenham um papel relevante na gestão de estresse e na busca por bem-estar. Estes resultados mostram que as interações entre religião, espiritualidade e o uso de substâncias psicoativas são complexas e influenciadas por diversos fatores culturais e sociais. Ressalta-se a importância de entender como crenças religiosas e estratégias de coping podem moldar não só as decisões em relação ao uso de substâncias, mas também o bem-estar emocional e psicológico. Essa reflexão é crucial para o desenvolvimento de intervenções mais sensíveis e eficazes no campo da saúde mental e na promoção do equilíbrio espiritual em contextos multiculturais. Em conclusão, este trabalho revela uma conexão entre religião, espiritualidade e o comportamento humano em relação ao uso de substâncias psicoativas. As estratégias de coping religioso/espiritual não apenas influenciam as respostas individuais ao estresse, mas também moldam a maneira como as pessoas interpretam e utilizam substâncias psicoativas em diferentes contextos culturais. Essa relação destaca a relevância de incluir considerações sobre religiosidade e espiritualidade em abordagens de saúde pública, particularmente no Brasil, onde a diversidade religiosa é expressiva. Futuros estudos devem se aprofundar nas interações entre crenças religiosas, cultura e saúde mental, ampliando as possibilidades de intervenções holísticas e culturalmente adaptadas.

Palavras-chave: Substâncias psicoativas; Orientação religiosa; Coping religioso/espiritual; Saúde mental; Bem-estar psicológico.

ABSTRACT

Psychedelics are psychoactive substances capable of significantly altering states of consciousness, affecting both cognitive and social processes. The literature has explored how these substances influence different aspects of human life, including their social and psychological implications, often mediated by the cognitive effects they provoke. This investigation aims to investigate the interactions between religious orientation and the use of psychoactive substances, as well as the role of religious/spiritual coping in the way individuals deal with stress and face adversities, impacting their physical and mental health. The study was divided into two stages. The first study analyzed the relationship between religious orientation and the use of psychoactive substances. The results indicated that religious beliefs play a central role in the decision to use or not these substances. Traditional religious groups, such as Catholics and Evangelicals, tend to avoid the use of psychoactive substances, while individuals without religion or with less conventional orientations are more permissive regarding the use of psychoactive substances. Based on a cross-sectional design, the second study investigated how different religious groups use religious/spiritual coping (RSC) strategies to deal with stressful situations. The results showed that positive religious coping, such as strengthening the relationship with God and spiritual support, is more common among individuals with a strong religious orientation, while those without religion adopt more secular and individualized strategies. Furthermore, it was observed that spiritual practices, such as the ritualistic use of psychoactive substances in ayahuasca religions, play a relevant role in stress management and the search for well-being. These results show that the interactions between religion, spirituality, and the use of psychoactive substances are complex and influenced by several cultural and social factors. The importance of understanding how religious beliefs and coping strategies can shape not only decisions regarding substance use but also emotional and psychological well-being is highlighted. This reflection is crucial for developing more sensitive and effective interventions in the mental health field and promoting spiritual balance in multicultural contexts. In conclusion, this work reveals a connection between religion, spirituality, and human behavior concerning the use of psychoactive substances. Religious/spiritual coping strategies not only influence individual responses to stress but also shape the way people interpret and use psychoactive substances in different cultural contexts. This relationship highlights the relevance of including considerations about religiosity and spirituality in public health approaches, particularly in Brazil, where religious diversity is significant. Future studies should delve deeper into the interactions between religious beliefs, culture, and mental health, expanding the possibilities of holistic and culturally adapted interventions.

Keywords: Psychoactive substances; Religious orientation; Religious/spiritual coping; Mental health; Psychological well-being.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CAPÍTULO 1 – SAGRADO OU PROFANO NA BALANÇA: A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NO USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS.....	22
3. CAPÍTULO 2 – COPING RELIGIOSO/ESPIRITUAL E ORIENTAÇÃO RELIGIOSA	48
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	67
APENDICE A – TESTE DE TRIAGEM DO ENVOLVIMENTO COM ÁLCOOL, CIGARRO E OUTRAS SUBSTÂNCIAS (ASSIST) (ADAPTADO)	77
APENDICE B – ESCALA DE COPING RELIGIOSO/ESPIRITUAL ABREVIADA (CRE-BREVE)	79

1. INTRODUÇÃO

1.1 Psicodélicos: aspectos terapêuticos e sociocognitivos

Psicodélicos são substâncias psicoativas cuja ação é mediada pelo sistema serotoninérgico, pois seus efeitos ocorrem através de uma ação agonista ou agonista parcial nos receptores 5-hidroxitriptamina (5-HT) 2A da serotonina no cérebro. A ativação desses receptores resulta em profundas alterações nos estados ordinários de consciência, o que provoca mudanças na percepção, no humor e em diversos processos cognitivos e afetivos. Embora sejam substâncias psicoativas, os psicodélicos, de forma geral, apresentam baixo risco fisiológico e não causam dependência ou vício, de acordo com as evidências disponíveis (NICHOLS, 2016; BESERRA & RODRIGUES, 2021).

O termo "psicodélico" origina-se das palavras gregas "psique", que significa "mente" ou "espírito", e "delos", que significa "manifestar". Isso sugere o conceito de "tornar a mente manifesta", representando a ideia de que essas substâncias revelam aspectos profundos e ocultos da mente (BESERRA & RODRIGUES, 2021). Historicamente, essas substâncias têm sido amplamente usadas em contextos espirituais e rituais por povos originários, demonstrando grande potencial terapêutico, especialmente no tratamento de transtornos psiquiátricos, além de promoverem experiências profundas de autorreflexão e insight. Esses efeitos terapêuticos se mostram promissores em auxiliar no tratamento de condições como depressão, ansiedade, e distúrbios relacionados ao trauma (SAVOLDI, 2022; TUPPER, 2019).

Além de seus efeitos terapêuticos, os psicodélicos influenciam positivamente processos de autoconsciência e metacognição, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e espirituais. Com o crescimento das pesquisas na área, evidencia-se a importância de fatores sociocognitivos, como valores religiosos e espirituais, que moldam as atitudes em relação ao uso dessas substâncias. Por exemplo, a relação entre religião e o uso de psicodélicos destaca como a espiritualidade pode mediar a experiência dessas substâncias, influenciando diretamente a forma como os indivíduos percebem e utilizam essas drogas. Essa

relação está profundamente conectada à maneira como cada grupo lida com práticas espirituais e estratégias de coping (CARNEIRO, 2021).

A origem do termo "psicodélico" não só carrega o sentido de "manifestar a mente", como também está intimamente ligada à expansão da consciência. Isso ocorre por meio da evocação de conteúdos inconscientes, proporcionados pela experiência com essas substâncias (BESERRA & RODRIGUES, 2021; CARNEIRO, 2021). Em contrapartida, o termo "alucinógeno" também é usado para classificar essas substâncias, embora traga preconceitos linguísticos que dificultam a compreensão completa dos estados alterados de consciência. O próprio verbo "alucinar" está associado a conceitos de estar enganado ou ter noções falsas, muitas vezes ligado a termos como "delirante" ou "insano", o que estigmatiza e distorce a verdadeira natureza das experiências proporcionadas pelos psicodélicos (RUCK, 1979; MALHEIRO, 2008).

O uso de substâncias psicodélicas remonta a épocas muito anteriores à escrita, apresentando-se como práticas tradicionais e ancestrais que foram cultivadas por povos originários em diversas regiões do mundo. Há evidências de que substâncias como a Psilocibina, princípio ativo dos cogumelos do gênero *Psilocybe*, eram usadas em contextos cerimoniais e rituais pelos maias e astecas, assim como em outras regiões, como a Austrália e a Tânzania (SCHULTES e HOFMANN, 1979; PETTIGREW, 2011; CAROD-ARTAL, 2015). Esses rituais tinham como foco o contato com o espiritual e a promoção da cura, demonstrando a estreita relação entre o uso de psicodélicos e práticas religiosas, o que se mantém até os dias atuais.

Em outras regiões, como na América do Norte e México, o uso da Mescalina, substância presente nos cactos Peyote e Wachuma, também tem registros que datam de mais de cinco mil anos (BRUHN et al., 2002). Já na bacia Amazônica, no Brasil e em outros países da América do Sul, destaca-se o uso do chá de Ayahuasca, que tem como princípio ativo a Dimetilriptamina (DMT). Tradicionalmente, essa substância é consumida em rituais de cura por povos indígenas, e sua expansão para os meios urbanos foi viabilizada principalmente por meio das igrejas sincréticas brasileiras, como o Santo Daime. Essas religiões combinam elementos do cristianismo e da cultura afro-brasileira, utilizando a Ayahuasca de forma sacramental e espiritual (ESCOBAR e ROAZZI, 2011). Esse cenário exemplifica como o uso de psicodélicos está profundamente interligado a

tradições espirituais, destacando a importância do fator religioso e cultural no entendimento do consumo dessas substâncias. Além disso, o contexto de uso dos psicodélicos molda as experiências individuais, demonstrando a relevância das práticas espirituais e do coping religioso no uso contemporâneo dessas substâncias (KAASIK et al., 2021).

Os chamados psicodélicos clássicos, como as lisergamidas (LSD), as triptaminas (DMT e psilocibina) e as fenetilaminas (mescalina), são amplamente estudados em pesquisas científicas por seus efeitos profundos no comportamento humano e no estado mental. Essas substâncias provocam uma série de reações cognitivas e psicológicas, que incluem alterações na percepção do tempo, cores e realidade. Tais mudanças ocorrem frequentemente em paralelo com experiências espirituais e místicas intensas, marcadas por uma nova significação de conceitos, valores e crenças. Além disso, esses compostos podem desencadear insights pessoais profundos, mudanças na percepção da identidade pessoal, maior introspecção e flutuações de humor (SHANON, 2003; GRIFFITHS et al., 2006; SANTOS et al., 2007; ESCOBAR e ROAZZI, 2010).

O uso dessas substâncias também podem provocar alguns efeitos adversos, como reações de medo que geralmente indicam um momento de enfrentamento e posteriormente, superação. (Shanon, 2013). Os efeitos físicos podem incluir náusea, vômito e desidratação, além de palpitação e taquicardia (Cazenave, 2000). Apesar do mal-estar causado, todos esses efeitos são vistos como parte do processo de limpeza e purga, sendo algo essencial para a experiência, pois se apresentam como momentos desafiadores que irão influenciar na cura psicológica. (Shanon, 2013).

As pesquisas com psicodélicos que investigam seus efeitos terapêuticos têm mostrado resultados promissores, especialmente no campo da saúde mental. Substâncias como a psilocibina e a DMT, presente no chá da ayahuasca e da jurema, têm demonstrado eficácia no tratamento de depressão, incluindo casos de depressão resistente ao tratamento (CARHART-HARRIS et al., 2016; WATTS et al., 2017; DAVIS et al., 2021). Além disso, esses compostos têm mostrado eficácia no tratamento de dependências químicas (MABIT, 2002; HALPERN et al., 2008; MERCANTE, 2009; FÁBREGAS et al., 2010) e no manejo de pacientes com doenças terminais, aliviando sintomas de ansiedade, isolamento e dor (GROB, 2007; GROB et al., 2011; GRIFFITHS et al., 2016). Outro exemplo de destaque é a dietilamida do ácido lisérgico (LSD), que também tem se mostrado eficaz no

tratamento de condições psiquiátricas desafiadoras (GASSER et al., 2015). Esses resultados sublinham o vasto potencial das substâncias psicodélicas como agentes terapêuticos e a importância de continuar investigando suas aplicações em contextos clínicos e espirituais.

Para além dos efeitos terapêuticos, os psicodélicos exercem uma influência significativa sobre processos cognitivos. Shanon (2003) destaca a importância de estudar substâncias como a ayahuasca sob uma perspectiva cognitiva, uma vez que a maioria das pesquisas científicas até o momento tende a enfatizar abordagens antropológicas ou etnobotânicas. Contudo, faltam investigações que explorem os efeitos diretos dessas substâncias na mente humana e as complexas experiências subjetivas que elas desencadeiam. Dentro desse contexto, os psicodélicos afetam não apenas a percepção de mundo, mas também a capacidade de introspecção e metacognição, processos centrais para a autorreflexão e o desenvolvimento de uma consciência expandida (SAVOLDI, 2022).

Ademais, o conceito de metacognição, ou seja, a habilidade de pensar sobre os próprios processos mentais, é frequentemente estimulado pelo uso de psicodélicos, como a ayahuasca. Flavell (1979) define metacognição como o conhecimento que um indivíduo adquire sobre suas próprias experiências de aprendizado e cognição ao longo da vida. Tupper (2019) contribui ao discutir a relação entre o uso de psicodélicos e o desenvolvimento de inteligência existencial, uma categoria que faz parte do modelo de múltiplas inteligências de Gardner (2000). Essa forma de inteligência envolve um senso profundo de consciência da realidade e a capacidade de explorar dimensões transcendentais da experiência humana. Tupper ainda sugere que os psicodélicos podem atuar como ferramentas educacionais para desenvolver essa forma particular de inteligência, ao facilitar a exploração de campos subjetivos e transcendentais.

Como evidenciado no estudo de Savoldi (2022), a ayahuasca exerce uma forte influência em processos como o insight e aspectos reflexivos da autoconsciência. A autorreflexão envolve a análise e auto-observação dos pensamentos, sentimentos e comportamentos, enquanto o insight está relacionado à compreensão profunda dos próprios processos cognitivos e emocionais. Essas dimensões fazem parte da autoconsciência privada (GRANT, 2001) e estão frequentemente presentes nas experiências psicodélicas (PEREIRA-JÚNIOR, 2014; SHANON, 2014; NASCIMENTO et al., 2020), tendo impacto direto no bem-estar

mental e na percepção de si (ESCOBAR, 2014; SHANON, 2002). A importância desses processos para a saúde mental ressalta como os psicodélicos podem promover níveis mais altos de autoconsciência e reflexividade.

Outras pesquisas focadas na abordagem cognitiva dessas substâncias também indicam a influência de fatores sociocognitivos na experiência com psicodélicos. Aspectos como qualidade de vida, criatividade, bem-estar e crenças pessoais são profundamente impactados, sendo esses fatores intrinsecamente conectados a processos cognitivos como a metacognição, tomada de decisão e autoconsciência (SHANON, 2014; NOUR et al., 2017; FRANQUESA et al., 2018).

Aspectos da qualidade de vida podem ser conceituados como o bem-estar que indivíduos e sociedade, enquanto organização coletiva, encontra em diversas áreas da vida, como no trabalho, nas relações sociais e em fatores ambientais. Configura-se como um movimento subjetivo que visa o desenvolvimento humano através de mudanças positivas no estilo de vida e nas condições sociais (MINAYO, 2013).

A metacognição, que se refere à capacidade de refletir sobre os próprios processos cognitivos, está intimamente ligada à tomada de decisões conscientes e à autorreflexão, o que é mediado por um estado elevado de atenção ao self (FLAVELL, 1979; PIMENTEL, 2021). Esses mecanismos revelam como os psicodélicos podem atuar na reconfiguração do sistema de valores e crenças dos indivíduos, destacando seu impacto na autorreflexão e nos processos decisórios (CARVALHO e CHECHELAKI, 2015; NASCIMENTO et al., 2022).

A metacognição é um processo abrangente que se intersecciona com outros aspectos cognitivos, incluindo valores relacionados a si mesmo e ao outro, além da tomada de decisões, autoconsciência, autorreflexão e insight. Na tomada de decisão, por exemplo, o indivíduo faz escolhas conscientes e deliberadas com base na avaliação de seu próprio conhecimento (FLAVELL, 1979; PIMENTEL, 2021). Este processo de avaliação é mediado pela autoconsciência, que envolve um estado de atenção em relação ao próprio self (DUVAL e WICKLUND, 1972; CHEN et al., 1999).

Block (1995) distingue diferentes tipos de consciência, como a consciência fenomenal, de acesso, autoconsciência e a consciência monitoradora. Esta última está ligada à metacognição, definida como a capacidade de monitorar e refletir sobre o próprio pensamento, incluindo funções como avaliação e revisão de tarefas cognitivas (FLAVELL, 1979). Assim, a consciência de um estado mental específico

só emerge quando o indivíduo reflete sobre este estado, envolvendo metacognição em todas as representações conscientes (SHEA e FRITH, 2019).

A tomada de decisão desempenha um papel crucial em questões sociais, econômicas e políticas. O modo como as pessoas processam informações e tomam decisões tem sido objeto de estudo da psicologia cognitiva desde a década de 1950, evidenciando sua importância no comportamento humano (HAFNER-BURTON, 2013).

1.2 Coping religioso/espiritual

Um fator social de grande relevância para a tomada de decisão é a orientação religiosa (MORAES, 2018). A religião, como um processo social e cultural complexo, está profundamente interligada à formação da identidade e às decisões dos indivíduos (FIGUEIREDO, 2019). Assim como o uso de psicodélicos pode ser mediado por crenças espirituais, a religião desempenha um papel central nas estratégias de enfrentamento adotadas pelas pessoas. Diferentes religiões moldam a forma como os indivíduos interpretam adversidades e aplicam suas crenças no cotidiano, especialmente em momentos de crise (BERGER, 1985).

Ademais, o termo 'coping' pode ser entendido como um conjunto de estratégias comportamentais e cognitivas que um indivíduo utiliza, no intuito de ampliar os seus recursos psicológicos para o enfrentamento de situações desafiadoras (FOLKMAN & LAZARUS, 1980). Costa et al. (2019) também demonstra em seu estudo a relação direta entre a adoção de estratégias positivas de coping e um maior nível de esperança no grupo estudado, o que gerou um impacto positivo no estado de saúde dos participantes. Esses resultados sugerem relações positivas entre estratégias funcionais para enfrentamento de diversas situações e o impacto destas na percepção geral de saúde.

Nesse sentido, o coping religioso/espiritual surge como uma estratégia poderosa de enfrentamento em situações de estresse e adversidade (PANZINI & BANDEIRA, 2007). Assim como as práticas espirituais envolvendo o uso de psicodélicos são influenciadas pela religiosidade e espiritualidade, essas mesmas dimensões afetam profundamente as escolhas feitas no enfrentamento de desafios. Grupos religiosos mais tradicionais tendem a adotar o coping religioso positivo, ancorado em práticas de fé e espiritualidade, enquanto indivíduos com orientações religiosas menos

convencionais ou seculares podem recorrer a uma gama mais diversificada de estratégias.

Outros estudos também demonstraram o impacto positivo do coping religioso/espiritual na saúde e no bem-estar psicológico em condições de saúde adversas, como em pessoas em tratamento hemodialítico, que utilizaram um coping positivo como um recurso de enfrentamento (VALCANTI et al., 2011). Na pesquisa de Vitorino e Vianna (2012) também pode ser visto a contribuição positiva do coping para enfrentamento de questões sociais, no caso de idosos institucionalizados, que enfrentam adversidades existentes dessa condição. Em contrapartida, também foi visto que uma insatisfação das necessidades espirituais em pacientes crônicos pode aumentar o sofrimento diante da doença (DAVISON & JHANGRI, 2010).

Dessa forma, é possível perceber a influência da orientação religiosa, crenças e práticas espirituais nas estratégias de coping adotadas (FOCH, SILVA & ENUMO, 2017). Entender essa relação pode contribuir para uma maior compreensão em diferentes contextos socioculturais, onde a religião exerce grande influência em diversas áreas da vida para muitas pessoas, impactando diretamente em questões sociais e de saúde. Além disso, o coping, que pode ser visto como uma das diferentes formas de expressão da religiosidade/espiritualidade, tem implicações psicológicas práticas. Visto que, exerce um papel na estruturação de sentido e suporte emocional para o indivíduo, proporcionando uma sensação de controle e resiliência diante de adversidades (PARGAMENT, 1997).

Diante do exposto, torna-se clara a relação da religiosidade/espiritualidade na saúde, portanto, entender melhor essa relação pode proporcionar práticas mais abrangentes e integrativas na assistência à saúde. Visto que, expressões da espiritualidade, como o coping religioso, já se mostraram como importantes ferramentas no enfrentamento a diversas questões de saúde física e mental, além do impacto na qualidade de vida (VALCANTI et al., 2011; FOCH, SILVA & ENUMO, 2017).

1.3 Religiosidade e uso de substâncias psicoativas

Dentro da psicologia da religião, a orientação religiosa, ou religiosidade, se apresenta como um conceito amplo, pois agrega diferentes sentidos, podendo estes serem entendidos em um nível pessoal ou institucional (RODRIGUES, 2010). Por estes termos derivarem do conceito de religião, eles podem ser erroneamente

associados à práticas e conceitos pré-existentes dentro de um dogma ou propósito ao qual a religião serve. Nesse sentido, urge a importância do termo “espiritualidade”, que melhor contempla o nível individual dessa busca de sentido e transcendência em um campo metafísico. Visto que, há uma crescente ascensão de novas formas de expressões espirituais (PARGAMENT, 1999).

Além disso, a religiosidade também tem impacto significativo na saúde, desempenhando um papel importante na prevenção e tratamento de dependências químicas, assim como observado com as práticas terapêuticas envolvendo substâncias psicodélicas em contextos religiosos. Iniciativas de igrejas cristãs, principalmente protestantes, surgiram no período pós-guerra para acolher e tratar dependentes químicos (TUGUIMOTO et al., 2011; BROWN, 1973). No entanto, a metodologia e a eficácia desses tratamentos ainda são pouco exploradas (GORSUCH, 1995). Independentemente da afiliação religiosa, a participação em grupos de apoio tem sido fundamental no tratamento de abuso de substâncias, seja em contextos religiosos ou seculares (ATKINS & HAWDON, 2007).

Assim como os psicodélicos influenciam o processo de autorreflexão e metacognição, a orientação religiosa também desempenha um papel fundamental nas estratégias de coping adotadas pelos indivíduos. De acordo com Pullen et al. (1999), independentemente da crença seguida, o vínculo religioso ou espiritual pode impactar positivamente na recuperação e diminuição das recaídas em diversos tratamentos. Esse fato reforça a ideia de que a fé, assim como as práticas espirituais envolvendo o uso de psicodélicos, funciona como um poderoso instrumento de enfrentamento em situações desafiadoras.

No contexto do uso de substâncias psicoativas, Dalgarrondo, Correa Filho e Silva (2004) destacam que a internalização de valores morais e religiosos influencia mais a escolha por não utilizar substâncias do que a simples adesão a uma religião ou frequência a cultos. Esse padrão se alinha à dinâmica observada no uso de psicodélicos, onde a experiência espiritual e os valores sociais afetam a maneira como essas substâncias são percebidas e utilizadas.

Os preceitos religiosos, especialmente nas tradições cristãs, fornecem uma estrutura moral que desencoraja o uso de drogas ao associar tal comportamento à destruição do corpo e à imoralidade, conforme observado por Miller & Thoresen (2003). Da mesma forma, a utilização de drogas ilícitas é associada, em algumas

tradições religiosas, a uma violação da lei moral e uma ofensa a Deus, como observado por Barbosa (2020) no contexto da doutrina católica.

Além de desencorajar o uso de drogas, as religiões, em especial as cristãs, também promovem o acolhimento e a compaixão pelos mais vulneráveis, incluindo aqueles que lutam contra a dependência química. Esse acolhimento reflete princípios de fé e moral, que se alinham com as práticas espirituais envolvendo psicodélicos em contextos ritualísticos e terapêuticos, demonstrando a interseção entre espiritualidade e enfrentamento de desafios pessoais (SIEBRA, 2021).

Diante do exposto, é possível perceber como a religiosidade e a espiritualidade exercem uma profunda influência nas representações sociais, no julgamento moral e na tomada de decisão sobre o uso de substâncias psicoativas. Para muitas pessoas, a religiosidade se apresenta como uma dimensão essencial da vida, desempenhando um papel central na estruturação de valores, comportamentos e hábitos de saúde (KOENIG et al., 1998). A espiritualidade, além de influenciar diretamente a percepção individual sobre substâncias, está associada à promoção de práticas saudáveis e ao fortalecimento de uma rede de apoio social, fatores que atuam na prevenção do uso abusivo de drogas (SANCHEZ, 2007).

Panitz (2018) destaca que a busca pela espiritualidade está frequentemente ligada ao desejo por discernimento nas questões existenciais e morais, sendo uma fonte de sentido de vida e conduta ética. Esse discernimento não apenas direciona escolhas pessoais, mas também funciona como um mecanismo de coping, especialmente no enfrentamento do abuso de substâncias. Em um estudo de revisão sistemática, Campos e Rodrigues (2022) concluem que a espiritualidade e religiosidade atuam como fatores de proteção, promovendo resiliência e servindo como elementos positivos no tratamento e na superação da dependência química.

Além disso, estudos mostram que a experiência com substâncias psicodélicas pode facilitar experiências autotranscendentais, que promovem admiração e reverência, influenciando a tomada de decisão moral e ética. Essas experiências estão associadas a comportamentos pró-sociais, maior abertura cognitiva e mudanças de perspectiva, conforme sugerido por pesquisas de Rudd et al. (2012) e Piff et al. (2015). Essas descobertas ressaltam como as experiências psicodélicas, especialmente em contextos espirituais, podem ter um impacto positivo em diversos aspectos sociocognitivos, reforçando comportamentos pró-sociais e proporcionando uma reconexão com valores pessoais e coletivos .

Ademais, diante da variedade de expressões espirituais, há grupos religiosos que inserem o uso de substâncias psicodélicas em seus ritos e consagrações, geralmente com o intuito de conexão espiritual e cura (DA COSTA, 2021). O uso de substâncias como a Ayahuasca, o Peyote e outros psicodélicos está associado a experiências místicas profundas e de transformação, práticas que remontam a tradições indígenas e continuam a influenciar as dinâmicas espirituais contemporâneas (VARELLA, 2019). Essas substâncias são vistas como mediadoras para estados de consciência elevados, facilitando o contato com o divino e o autoconhecimento (NASCIMENTO, 2016).

Também é possível perceber como essas diferentes práticas dentro de diversas religiões moldam a opinião das pessoas sobre o uso de drogas, de acordo com o grupo religioso ao qual pertencem. Júnior e Da Costa (2014) exploram essa diferença entre grupos evangélicos e adeptos de religiões ayahuasqueiras. O primeiro grupo, em geral, condena o uso de substâncias psicoativas, considerando-o contrário aos princípios religiosos, enquanto as pessoas que pertencem às religiões ayahuasqueiras tendem a relativizar o uso, considerando-o parte integral de seus rituais espirituais (SANCHEZ, 2007).

Além disso, Júnior e Da Costa (2017) complementam essa análise ao trazer as bases históricas dessas concepções, que foram moldadas pela colonização. A colonização, ao ditar o que deveria ser proibido, condenou as práticas espirituais de muitos povos indígenas que utilizavam substâncias psicoativas como instrumentos reveladores e de cura. Essas práticas eram frequentemente vistas como uma expressão de ignorância ou superstição, uma perspectiva reforçada pela expansão do modelo médico tradicional e pela autoridade científica, que classificou determinadas substâncias como ilícitas (ASSIS, LABATE & GOULART, 2019). Dessa forma, é possível perceber a profunda influência da construção histórico-cultural nas percepções e nos valores morais sobre o uso de substâncias, especialmente no contexto dos diferentes grupos religiosos.

2. ESTUDO PROPOSTO

Dessa forma, é possível perceber a conexão entre a orientação religiosa, uso de substâncias psicoativas e estratégias de coping. Visto que, ao considerar uma abordagem cognitiva para o estudo das substâncias psicoativas, também é possível

perceber a participação de diferentes processos sociocognitivos que perpassam nessas experiências (SHANNON, 2003), tais como a orientação religiosa e suas diferentes formas de expressão, como o coping religioso/espiritual.

O estudo do uso de substâncias psicodélicas a partir de uma abordagem sociocognitiva expande a noção de função social e uso dessas substâncias para além do efeito terapêutico e agrega valor aos diferentes aspectos sociais e cognitivos que estão inseridos no contexto de uso. Ademais, diferentes substâncias psicodélicas influenciam em processos cognitivos complexos e de alta ordem, como a autoconsciência e em aspectos metacognitivos (SAVOLDI, 2022).

Esses processos participam diretamente de aspectos sociais, como a qualidade de vida, bem-estar, criatividade, *self* positivo, até ao sistema de crença e valores das pessoas e a tomada de consciência (SHANON, 2014; FRANQUESA et al., 2018; MIGUÉIS, 2018). Portanto, investigar a relação destes processos com o uso de psicodélicos pode ajudar a não só compreender tais fenômenos sociais, como também apresentar possibilidades de mudança para um melhor funcionamento social, através da informação e educação.

As experiências em si que os psicodélicos proporcionam, que causam efeitos extraordinários e geram toda curiosidade em volta dessas substâncias, acontecem primeiramente na mente humana, e é a partir disso que todos os outros processos serão evocados (SHANON, 2002). Logo, a psicologia cognitiva se apresenta como uma área capaz de compreender esses processos, pois se concentra nas funções cognitivas e nas experiências subjetivas que são produzidas a partir disso (SHANON, 2002).

Atualmente, sabe-se que a serotonina desenvolve um papel importante no comportamento social, na avaliação de danos na tomada de decisões morais, punição altruísta e justiça (CROCKETT et al., 2010, 2013; STORY et al., 2015). Visto que, os psicodélicos clássicos atuam através do sistema serotoninérgico, é possível inferir que há a influência dessas substâncias em uma diversidade de processos sociocognitivos.

A tomada de decisão envolve uma variedade de processos cognitivos que operam para a realização de uma escolha diante de diferentes alternativas, a partir da avaliação de um conjunto de fatores que serão determinados a partir dos valores e interesses atendidos pela decisão (MANN et.al., 1998). Sabendo-se do papel fundamental de aspectos valorativos e crenças individuais e culturais, para a tomada

de decisão, e que o uso de psicodélicos pode alterar o sistema de crença e valores das pessoas (SHANON, 2014; LYONS e CARHART-HARRIS, 2018; FRANQUESA et al., 2018), evidencia-se a relação entre os multiprocessos socioculturais da orientação religiosa, tomada de decisão e o uso de psicodélicos.

Diante do que foi exposto, constata-se que há uma diversidade de temas que se interseccionam com aspectos sociocognitivos e como o uso de psicodélicos se conectam com esses processos. Atualmente, as relações entre o social e o psicológico, de maneira geral, afetam-se mutuamente e promovem mudanças significativas em nosso meio. Desta forma, não é mais possível discorrer sobre um desses domínios sem mencionar todos os outros que o envolvem.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Diante das questões supracitadas, o objetivo geral desta pesquisa é investigar as relações entre o uso de substâncias psicodélicas e processos sociocognitivos.

3.2 Objetivos específicos

- 1) Investigar as relações entre os tipos de substâncias psicoativas utilizadas e a orientação religiosa, considerando a especificidade da pesquisa e da amostra.
- 2) Averiguar como diferentes grupos religiosos no Brasil utilizam o coping religioso/espiritual para enfrentar situações de estresse.

4. HIPÓTESES

Com base na literatura disponível nesta área de estudo, para a presente pesquisa foram elaboradas duas hipóteses principais:

Hipótese 1 (H1): A orientação religiosa exerce uma influência considerável sobre o uso de substâncias psicoativas.

Hipótese 2 (H2): A orientação religiosa influencia significativamente as estratégias de coping adotadas.

O Objetivo geral desse estudo foi investigar as relações entre a orientação religiosa, práticas de cunho espiritual, a saber, o coping religioso/espiritual e o uso

de substâncias psicoativas. Para esse propósito, o presente estudo está dividido em dois capítulos, a fim de analisar dois aspectos da coleta de dados, de tal forma que podem ser analisados tanto de um modo independente, quanto como uma narrativa que está inter-relacionada.

O primeiro capítulo teve como objetivo investigar as relações entre os tipos de substâncias psicoativas utilizadas e a orientação religiosa. A partir de um estudo transversal, foi possível testar a hipótese sobre a influência da orientação religiosa sobre o uso de substâncias psicoativas.

Para o segundo estudo foram coletadas medidas psicométricas que incluem orientação religiosa e a utilização de coping religioso/espiritual, a fim de analisar a relação existente entre essas duas variáveis. Visto que, assim como a orientação religiosa afeta a tomada de decisão sobre o uso de substâncias psicoativas, é interessante explorar a relação entre diferentes expressões da religiosidade nas diversas estratégias de coping utilizadas.

Capítulo 1: Sagrado ou Profano na Balança: A Influência da Religião no Uso de Substâncias Psicoativas

Introdução

A orientação religiosa pode ser compreendida como um processo cultural multidimensional, no qual aspectos históricos, sociais, psicológicos e espirituais interagem de forma complexa. A própria definição de religião varia significativamente ao longo do tempo e do espaço, refletindo mudanças nas estruturas sociais, políticas e culturais. Conforme destacado por Figueiredo (2019), a religião não é um conceito estático, mas um fenômeno em constante evolução, que assume diferentes formas e significados dependendo do contexto. Berger (1985) define religião como “uma obra humana através da qual é construído um cosmo sagrado”, sugerindo que a religião atua como uma estrutura interpretativa que confere ordem e significado ao mundo.

Essa visão sociológica destaca o papel da religião na construção de identidades individuais e coletivas, além de moldar normas e comportamentos sociais. Ao entender a religião como um fenômeno pluriconceitual, Figueiredo (2019) sublinha a diversidade de manifestações religiosas, cada uma com seus próprios significados, rituais e crenças. Essa pluralidade reflete a capacidade adaptativa da religião ao longo do tempo, atuando tanto como força de coesão social quanto como arena de conflito e contestação, dependendo do contexto cultural e histórico em que está inserida.

Dessa forma, a religião se torna uma instituição cultural que vai além de suas dimensões espirituais, configurando-se também como um agente de construção social e política (SILVA, 2017). Autores como Durkheim (2003) também reforçam essa ideia, afirmando que a religião funciona como uma forma de reforçar a coesão social, ao criar um conjunto compartilhado de valores e crenças. Contudo, essa mesma característica pode ser fonte de divergência, especialmente em sociedades plurais e multiculturalmente ricas, como o Brasil, onde diferentes sistemas religiosos coexistem e, por vezes, se confrontam. Assim, compreender o caráter pluriconceitual da religião é essencial para entender como ela influencia as relações sociais, o comportamento humano e até questões como o uso de substâncias psicoativas, que, em muitos casos, são moldadas por princípios religiosos.

Dado o caráter multicultural do Brasil, é possível identificar uma vasta diversidade de manifestações religiosas que coexistem no país. Embora as bases

históricas da colonização tenham estabelecido um forte direcionamento cristão, principalmente católico, como parte do processo de imposição cultural dos colonizadores europeus, essa influência não foi absorvida de forma homogênea (CABRAL et al, 2017). A imposição do cristianismo durante a colonização, sobretudo por meio das ordens religiosas, como os jesuítas, esteve profundamente associada a um projeto de controle social e cultural. O catolicismo foi utilizado como ferramenta de colonização, não apenas para converter os povos indígenas e os escravizados africanos, mas também para deslegitimar e reprimir suas crenças e práticas religiosas. Barros (2003) observa que os colonizadores promoveram a demonização das tradições espirituais dos povos indígenas, criando narrativas que justificavam o apagamento dessas identidades e o conseqüente silenciamento de suas práticas espirituais.

Além do impacto profundo da colonização, o Brasil também foi marcado por sucessivos processos de imigração que influenciaram diretamente sua diversidade religiosa. A chegada de imigrantes europeus, asiáticos e do Oriente Médio, somada às diásporas africanas e indígenas, contribuiu para a formação de um panorama religioso extremamente plural (CABRAL et al, 2017). O Brasil, portanto, tornou-se um terreno fértil para o surgimento e consolidação de novas tradições religiosas, muitas vezes hibridizadas ou reinterpretadas no contexto local. Um exemplo notável é a consolidação das religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, que tiveram origem com a chegada forçada de povos africanos durante o período da escravidão (LAMAS, 2019). Essas religiões não apenas sobreviveram à opressão religiosa e cultural imposta pelo colonizador, mas também se tornaram formas essenciais de resistência e preservação da identidade cultural africana no Brasil. A espiritualidade africana, com suas raízes em diversas etnias e tradições do continente, foi utilizada como um instrumento de apoio psicológico, cultural e espiritual frente à brutalidade do regime escravocrata (Franco, 2021). Apesar da repressão histórica, essas religiões se firmaram como componentes fundamentais da diversidade cultural brasileira, oferecendo um espaço de afirmação da negritude e ressignificação espiritual.

Além das religiões de matriz africana, a imigração também trouxe ao Brasil outras tradições religiosas, que embora minoritárias, possuem significativa importância no contexto religioso nacional. O Budismo, por exemplo, chegou ao Brasil com os imigrantes japoneses no início do século XX e, desde então, tem

crescido em adeptos e influência (GAUDIOSO E SOARES, 2010). Da mesma forma, o Espiritismo, introduzido no Brasil no século XIX, estabeleceu-se como uma das principais vertentes religiosas do país, com particular força na classe média, principalmente através das obras de Allan Kardec (NOGUEIRA, 2017). O Espiritismo tem uma profunda relação com as práticas religiosas brasileiras, especialmente no que diz respeito à interface com as religiões afro-brasileiras e o sincretismo. Outro movimento relevante é o sionismo, que, apesar de não se constituir propriamente como uma religião, carrega fortes implicações religiosas para a comunidade judaica no Brasil. A imigração de judeus europeus e orientais trouxe consigo não apenas o Judaísmo, mas também o fortalecimento de uma identidade cultural e política vinculada ao movimento sionista (GHERMAN, 2021). Além desses exemplos, várias outras religiões minoritárias, como o Islamismo e o Hinduísmo, trazidas por imigrantes do Oriente Médio e da Índia, enriquecem ainda mais o caleidoscópio religioso brasileiro. Essa diversidade religiosa, hoje consolidada, é um reflexo do caráter plural da sociedade brasileira.

Muito além de ser um conjunto de crenças e práticas espirituais, Júnior, Alvarenga e Ferreira (2018) destacam que a religião também se configura como uma instituição política, influenciando profundamente o sistema sociopolítico em diversas sociedades ao longo da história. Em muitas civilizações antigas, e até recentemente em algumas partes do mundo, a religião foi a principal constituinte de leis, normas sociais e costumes, assumindo o papel de autoridade moral e jurídica. Andrade (2020) observa que a religião, em várias culturas, desempenhou uma função normativa, moldando as relações sociais e definindo o que era considerado aceitável ou não em termos de comportamento e valores. Essa influência não se restringe ao passado. Mesmo nas sociedades contemporâneas, onde há uma separação formal entre Igreja e Estado, a religião continua a exercer um papel significativo na formação de políticas públicas e na definição de normas sociais.

Nos Estados Unidos, por exemplo, a religião, particularmente o cristianismo evangélico, continua a ter um peso considerável na política. Haley e Davis (2008) destacam que muitos grupos evangélicos veem na política uma forma de reafirmar e difundir seus valores morais, em especial no que tange a questões como o aborto e a homossexualidade. Esses grupos buscam exercer influência através de alianças com o Partido Republicano, utilizando a política como ferramenta para promover uma agenda que se alinha aos seus preceitos religiosos. Falwell (1980), uma figura

central no movimento evangélico nos Estados Unidos, defendeu a necessidade de os cristãos evangélicos mobilizarem-se politicamente para moldar a legislação e preservar o que ele chamou de "valores morais tradicionais". Seu objetivo era influenciar o Congresso e outras esferas do poder político para implementar leis que reforçassem uma moralidade conservadora, além de combater iniciativas sociais que, segundo ele, minariam a liberdade e os valores familiares. Falwell em seu livro "Listen America" deixa isto bem claro:

Exercer uma significativa influência no direcionamento espiritual e moral de nossa nação: (a) pela mobilização das bases da moral na América numa voz clara e efetiva; (b) informando à maioria moral sobre o que está acontecendo pelas suas costas em Washington e nas assembleias legislativas estaduais em todo o país; (c) através da realização intensiva de lobby no Congresso para derrotar a ala esquerda, os projetos de lei de bem-estar social que irão mais adiante corroer nossa preciosa liberdade; (d) Impulsionar uma legislação positiva através, por exemplo, do estabelecimento da Agência de Proteção da Família, que assegurará uma América forte e resistente; e (e) auxiliar a maioria moral a combater, nas comunidades locais, a pornografia, a homossexualidade, a defesa da imoralidade em livros escolares, e outros problemas enfrentados por todos e por cada um de nós (Falwell, 1980, p. 227).

Esse movimento de filiação política com bases religiosas, muitas vezes chamado de neofundamentalismo religioso, visa restabelecer uma autoridade moral dentro da sociedade, de acordo com os preceitos de uma determinada visão religiosa. Andrade (2020) argumenta que o neofundamentalismo não se restringe apenas aos Estados Unidos; há também movimentos similares em outros contextos, onde a religião é utilizada como base para a criação de políticas e normas que buscam regular o comportamento social. Em muitos casos, esses movimentos geram conflitos culturais, já que tentam impor uma visão de moralidade que pode não ser compartilhada por todos os segmentos da sociedade, levando a tensões entre secularismo e religião, e entre tradições religiosas diversas.

A influência religiosa na política e no sistema legal não apenas molda o debate público, mas também é um campo de disputa em questões de direitos civis, liberdade individual e multiculturalismo. Em vários países, a religião desempenha um papel ambíguo, ao mesmo tempo em que busca preservar a moralidade tradicional, muitas vezes confronta os direitos de minorias religiosas, raciais e sexuais. Este conflito entre uma moralidade religiosa e uma sociedade pluralista é um dos

principais desafios nas democracias contemporâneas, onde diferentes visões de mundo competem pela definição dos valores que devem orientar a sociedade (BAHIA e MORAES, 2010).

Dentro do escopo estabelecido por várias doutrinas religiosas que buscam definir quais preceitos morais devem ser seguidos pela sociedade, o uso de substâncias psicoativas é um tema recorrente e polêmico. Em muitas tradições religiosas, a moralidade em torno do uso dessas substâncias é rigidamente controlada. Nogueira (2020) faz um resgate histórico ao evidenciar a perseguição do cristianismo, especialmente nos séculos XII e XIII, contra o paganismo, que utilizava o álcool e ervas em seus rituais espirituais. A demonização dessas práticas estava alinhada ao projeto cristão de estabelecer um controle rígido sobre a espiritualidade e a moralidade das populações. No contexto brasileiro, a repressão do uso de substâncias psicoativas foi reforçada ainda no período colonial, através das Ordenações Filipinas, que constituíam um marco legal para a moralidade pública, proibindo práticas religiosas e espirituais que envolvessem o uso de substâncias consideradas "ilícitas", como as utilizadas pelos povos indígenas.

Além disso, a repressão ao uso de substâncias psicoativas no Brasil não se limitou ao contexto religioso, mas também se fortaleceu através de uma aliança entre o Estado, a imprensa e a Igreja. A utilização de substâncias medicinais por povos originários, como a ayahuasca, foi criminalizada, sendo tratada como uma prática desviada e perigosa. De Lima (2023) aponta que a ayahuasca, uma substância amplamente utilizada pelos povos amazônicos em rituais sagrados, foi particularmente alvo dessas repressões, refletindo um esforço colonial de suprimir as tradições indígenas e impor uma moralidade cristã eurocêntrica. Rocha et al. (2021) destacam que essa dinâmica de repressão ainda persiste no Brasil contemporâneo, onde o movimento conservador cristão, majoritariamente evangélico, associa a religião à política para promover a proibição do uso de drogas. Esse conservadorismo ressoa em práticas de intolerância religiosa e racial, afetando principalmente adeptos de religiões de matriz africana, cujas práticas espirituais frequentemente envolvem o uso de substâncias psicoativas.

Por outro lado, nem todas as tradições religiosas condenam o uso de substâncias psicoativas. Algumas religiões, como o Rastafarianismo, veem a cannabis como uma planta sagrada utilizada para conectar o indivíduo ao divino. No Candomblé e em algumas tradições ayahuasqueiras, a utilização de substâncias

como a cannabis, a ayahuasca e a jurema é fundamental para os rituais religiosos, permitindo que os praticantes alcancem estados alterados de consciência e se conectem com entidades espirituais (Oliveira e Silva, 2020). O uso ritualístico de substâncias psicoativas também é comum nas religiões de matriz afro-brasileira, onde essas substâncias têm um significado sagrado e terapêutico (Ueno et al., 2022; Almeida e Netto, 2021; De Arruda Camargo, 1999). Além das religiões estabelecidas, o neoxamanismo e outras práticas esotéricas também fazem uso dessas substâncias como instrumentos para expansão da consciência e autoconhecimento, buscando uma conexão mais profunda com o sagrado ou com divindades metafísicas (Souza, 2023; Gomes, 2021).

O uso ritualístico de substâncias psicoativas não é um fenômeno exclusivamente moderno, nem restrito ao contexto brasileiro. As evidências de práticas envolvendo substâncias psicodélicas remontam a tempos pré-históricos, anteriores até mesmo ao advento da escrita. As tradições antigas, desde a Índia até a Grécia, faziam uso dessas substâncias em contextos cerimoniais, buscando transcender a realidade material e se conectar com o divino (Wasson e Ingalls, 1971; Wasson et al., 2008). A Psilocibina, o princípio ativo dos cogumelos do gênero *Psilocybe*, tem registros de uso ritualístico entre os maias e astecas, além de comunidades em regiões como a Austrália e a Tanzânia (Schultes e Hofmann, 1979; Pettigrew, 2011; Carod-Artal, 2015). Esses exemplos históricos reforçam a importância das substâncias psicoativas no desenvolvimento espiritual de várias civilizações.

Em regiões da América do Norte, o uso de mescalina, extraída de cactos como o Peyote e o Wachuma, tem registros que datam de mais de cinco mil anos (Bruhn et al., 2002). Na América do Sul, o uso do chá de Ayahuasca, com seu princípio ativo Dimetiltryptamina (DMT), é uma prática tradicional entre os povos da bacia amazônica, inclusive no Brasil (Kaasik et al., 2021). Embora essas práticas estejam enraizadas em contextos culturais específicos, houve um movimento global de repressão ao uso de substâncias psicoativas a partir da década de 1970, especialmente no Ocidente, quando essas substâncias foram associadas ao movimento hippie e à contracultura. O estigma em torno dessas substâncias cresceu, resultando na interrupção de muitas pesquisas científicas e no fortalecimento do proibicionismo, que teve repercussões profundas em diversos países, incluindo o Brasil (Moizinho et al., 2024).

Dessa forma, o debate sobre o uso de substâncias psicoativas está intrinsecamente ligado a questões de poder, controle social e liberdade espiritual, envolvendo não apenas tradições religiosas, mas também movimentos políticos, culturais e filosóficos. A história da humanidade revela que as substâncias psicodélicas têm desempenhado um papel central nas práticas espirituais e religiosas ao longo dos séculos, e as tentativas de suprimir essas práticas refletem uma luta contínua entre diferentes formas de ver o mundo e a espiritualidade.

Diante do exposto, torna-se evidente a importância de se ter um panorama sobre a influência da religião em aspectos morais, sociais e comportamentais da sociedade, especialmente no que tange ao uso de substâncias psicoativas. Compreender o papel da religião nesse contexto é fundamental para analisar as especificidades dessa questão na cultura brasileira, que se caracteriza por uma grande diversidade religiosa.

No Brasil, o impacto da religião sobre o comportamento e o uso de substâncias psicoativas varia entre diferentes grupos religiosos, conforme evidenciado pelas práticas de controle e repressão moral de algumas religiões tradicionais, como o catolicismo e o evangelismo, e a aceitação ritualística em religiões de matriz africana e ayahuasqueiras. Assim, é possível desenvolver estratégias de intervenção social eficazes, tanto em pesquisas quanto em práticas que visem entender e abordar os diferentes aspectos culturais e comportamentais envolvidos no uso de substâncias. Isso permitiria um aprimoramento das políticas públicas e das práticas de acolhimento, principalmente nas áreas de saúde e atenção básica, ao reconhecer melhor a realidade e as particularidades de cada grupo. Além disso, ao expandir o conhecimento sobre o tema, promove-se maior empatia e inclusão social, criando uma base sólida para a promoção do respeito à diversidade religiosa e ao comportamento individual no contexto da pluralidade social brasileira.

Desse modo, buscou-se com este estudo atender ao objetivo específico de investigar as relações entre os tipos de substâncias psicoativas utilizadas e a orientação religiosa, considerando a especificidade da pesquisa e da amostra. A **hipótese central** deste trabalho é que a orientação religiosa exerce uma influência considerável sobre o uso de substâncias psicoativas. Grupos religiosos mais tradicionais, como católicos e evangélicos, tendem a evitar o uso de substâncias psicoativas, com exceção daquelas legalizadas no Brasil e aceitas pela doutrina,

como o uso moderado de álcool em rituais religiosos. Por outro lado, grupos que não seguem uma religião ou possuem crenças menos tradicionais tendem a utilizar uma maior variedade de substâncias, inclusive aquelas não permitidas pelas doutrinas religiosas mais conservadoras.

Este estudo também propõe as seguintes **hipóteses específicas**:

H1: Grupos religiosos tradicionais (católicos e evangélicos) apresentam menor probabilidade de usar substâncias psicoativas em comparação com grupos não religiosos e menos convencionais.

H2: Grupos não religiosos (agnósticos, ateus e pessoas sem religião) tendem a apresentar uma maior inclinação para o uso de substâncias psicoativas.

H3: Grupos religiosos intermediários (espíritas, afro-religiosos, budistas, ayahuasqueiros, esotéricos) tendem a utilizar substâncias psicoativas dentro dos limites estabelecidos por seus preceitos religiosos, como ocorre nas religiões de matriz africana e no Santo Daime, onde o uso ritualístico de determinadas substâncias é comum e aceito.

Diante do que foi exposto, este estudo busca compreender como a orientação religiosa influencia o uso de substâncias psicoativas em diferentes grupos, sejam eles religiosos ou não. A análise das diversas práticas religiosas, ou a ausência delas, fornece um panorama sobre os comportamentos adotados em relação ao consumo de substâncias. Compreender essas relações é essencial para desenvolver estratégias de intervenções mais eficazes, tanto no campo das pesquisas quanto em práticas sociais e de saúde pública. Além disso, o estudo tem como objetivo expandir o conhecimento sobre o tema e contribuir para a pesquisa e prática, no sentido de proporcionar um melhor entendimento das interações entre religião, cultura e comportamento, destacando como as crenças religiosas podem moldar, inibir ou permitir o uso de substâncias. Esse aprofundamento permite uma compreensão mais abrangente sobre as relações entre religiões e práticas culturais e comportamentais na sociedade.

Método

Amostra

A partir dos dados coletados pelo questionário de sociodemografia, na Tabela 01 é apresentada a caracterização da amostra da pesquisa, destacando as análises

estatísticas descritivas dos dados mais relevantes. O estudo contou com 223 participantes, mas nem todos responderam completamente a todas as variáveis de caracterização sociodemográfica. A amostra foi composta majoritariamente por mulheres, com 120 participantes do sexo feminino (53.8%) e 85 do sexo masculino (38.1%). A faixa etária dos participantes variou entre 18 e 72 anos, com média de 35.66 anos e desvio padrão de 11.14 anos.

Em relação à distribuição étnica, a maior parte da amostra se identificou como parda (48.0%), seguida por branca (38.6%), negra (6.3%), amarela (1.8%) e outras etnias (3.1%). Quanto ao estado civil, 47.5% dos participantes se declararam solteiros, 25.6% casados, 15.2% estavam em união informal, e 8.5% eram separados ou divorciados.

A escolaridade dos participantes estava predominantemente concentrada no nível superior, com 30.0% dos participantes tendo concluído o ensino superior, 25.1% com ensino superior incompleto, e 17.0% com ensino médio completo. Além disso, uma parcela menor dos participantes tinha formação em nível de mestrado (11.2%) ou doutorado (3.1%).

Quanto à renda familiar, a maioria dos participantes relatou uma renda entre 1 e 4 salários-mínimos (53.9%). Especificamente, 28.3% indicaram receber entre 1 e 2 salários-mínimos, 25.6% entre 3 e 4 salários-mínimos, e 15.7% declararam renda de 10 ou mais salários-mínimos.

Tabela 01. Distribuição de frequência dos participantes - quanto a idade, sexo, raça/etnia, estado civil, escolaridade e renda familiar

Variáveis	<i>n</i>	%
Idade (<i>n</i> = 217)		
18 a 30 anos	78	35.9
31 a 37 anos	65	29.1
38 a 72 anos	74	33.2
Mínimo		18
Máximo		72
Média±Desvio padrão		35.66±11.14
Sexo (<i>n</i> = 205)		
Feminino	120	53.8
Masculino	85	38.1
Raça/Etnia (<i>n</i> = 218)		
Amarela	4	1.8
Branca	86	38.6

Parda	107	48.0
Negra	14	6.3
Outras	7	3.1
Estado civil (n = 216)		
Solteiro	106	47.5
Casado	57	25.6
Separado/Divorciado	19	8.5
União informal	34	15.2
Nível de Escolaridade (n = 222)		
Ensino fundamental incompleto	2	0.9
Ensino fundamental completo	3	1.3
Ensino médio incompleto	3	1.3
Ensino médio completo	38	17.0
Ensino superior incompleto	56	25.1
Ensino superior completo	67	30.0
Mestrado	25	11.2
Doutorado	7	3.1
Especialização	21	9.4
Renda familiar (n = 222)		
Menor que um salário-mínimo	12	5.4
De 1 a 2 salários-mínimos	63	28.3
De 3 a 4 salários-mínimos	57	25.6
De 4 a 5 salários-mínimos	30	13.5
De 6 a 7 salários-mínimos	18	8.1
De 8 a 9 salários-mínimos	7	3.1
10 ou mais salários-mínimos	35	15.7

Além dessas variáveis, o estudo também coletou dados sobre a religião dos participantes (Tabela 02). Os participantes sem religião representaram o maior grupo, com 22.0% da amostra. Entre os que declararam seguir alguma religião, 17.0% se identificaram como católicos, 6.3% como evangélicos/protestantes, e 7.2% pertenciam a outras religiões. Uma parcela significativa dos participantes (18.8%) era adepta das práticas Ayahuasqueira, distribuídos entre diferentes grupos como UDV (4.9%), Daime (3.1%), Xamânica (5.4%), e outros grupos independentes (5.4%).

Tabela 02. Distribuição de frequência dos participantes - quanto a religião (n = 223)

Religião	n	%
Católica	38	17.0

Religião	n	%
Evangélica/Protestante	14	6.3
Espírita Kardecista	13	5.8
Afro-brasileira/Candomblé/Umbanda	14	6.3
Budista	6	2.7
Esotérica	8	3.6
Outra religião	16	7.2
Agnosticismo	13	5.8
Ateísmo	10	4.5
Sem religião	49	22.0
Ayahuasqueira (UDV)	11	4.9
Ayahuasqueira (Daime)	7	3.1
Ayahuasqueira (Xamânica)	12	5.4
Ayahuasqueira (Grupo independente)	12	5.4

Instrumentos

Questionário de sociodemografia – Contém questões para coleta de informações referentes ao sexo, idade, escolaridade, renda, etnia e religião.

Teste de triagem do envolvimento com álcool, cigarro e outras substâncias (ASSIST): (HENRIQUE et al., 2004): Teste desenvolvido por Henrique et al. (2004) e coordenado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), foi um dos instrumentos centrais do estudo. O questionário inclui oito perguntas que investigam o uso de várias substâncias psicoativas, como tabaco, álcool, maconha, cocaína, estimulantes, sedativos, inalantes, alucinógenos e opiáceos. Para o presente estudo, utilizou-se a questão que avalia a frequência de uso das substâncias, uma medida essencial para compreender padrões de consumo entre os diferentes grupos religiosos e não religiosos.

Estrutura da escala: O instrumento é composto por oito questões que tratam de diversos aspectos relacionados ao uso de substâncias, incluindo a frequência de uso, problemas decorrentes do consumo, prejuízos na realização de atividades cotidianas e sentimentos de compulsão. As respostas são pontuadas de 0 a 4, com uma soma total que pode variar entre 0 e 20. Essa configuração permite uma análise precisa e quantitativa da gravidade do envolvimento com substâncias psicoativas.

Validação e confiabilidade: Em relação à validação e confiabilidade, a versão brasileira da escala ASSIST apresenta excelentes indicadores de confiabilidade. Os coeficientes Kappa variam entre 0,58 a 0,90 para as questões principais, e o **alfa de Cronbach** demonstra alta consistência interna, sendo 0,80 para álcool, 0,79 para maconha e 0,81 para cocaína. Esses resultados asseguram que o instrumento é confiável tanto para pesquisa quanto para uso clínico em práticas de atenção primária à saúde, possibilitando uma avaliação robusta e padronizada de padrões de uso de substâncias em diferentes contextos.

Procedimentos

Para a realização da coleta de dados dessa pesquisa, foi divulgado um único questionário, feito na plataforma *Qualtrics*, distribuído de forma online. O acesso ao link do questionário foi disponibilizado junto com o convite para a participação, por meio de mensagens e links diretos em redes sociais (instagram e whats app). Para participar do estudo, os participantes, primeiramente, precisaram ler e aceitar o termo de consentimento livre e esclarecido, que continha informações sobre a descrição da pesquisa, aspectos éticos, o caráter totalmente voluntário da participação, bem como a possibilidade de desistência a qualquer momento e o respaldo em relação à proteção dos dados que ali foram fornecidos. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco (CAAE: 71263023.8.0000.5208).

Resultados

Análise correlacional de grupos com diferentes orientações religiosas e uso de substâncias psicoativas

A Tabela 03 apresenta os coeficientes de correlação ponto-bisserial (r_{pb}) entre diferentes grupos religiosos e a frequência de uso de substâncias psicoativas. Os grupos analisados incluem: Católica, Evangélica, Espírita, Afro, Budista, Esotérica,

Ayahuasqueira, Outra Religião, Agnóstica, Ateísta e Sem Religião. Os resultados revelam diferenças significativas entre os comportamentos de uso de substâncias psicoativas, dependendo da orientação religiosa, oferecendo insights sobre a influência das crenças religiosas ou a ausência delas.

Tabela 03. Correlações ponto-bisseriais entre orientação religiosa dos participantes e frequência de uso de substâncias psicoativas

Psicoativos		Católica	Evangé- lica	Espírita	Afro	Budista	Exoté- rica	Outra Religião	Agnós- tica	Ateísta	Sem Religião	Ayahua- squeira
		Tabaco	r_{pb}	-.179	-.158	-.106	.197	-.102	.070	.122	.055	.089
	p	.008	.019	.116	.003	.132	.299	.070	.418	.189	.024	.132
Álcool	r_{pb}	-.112	-.277	-.014	.193	-.098	.053	-.055	.158	.127	.145	-.109
	p	.097	.000	.838	.004	.149	.432	.415	.019	.060	.032	.108
Maconha	r_{pb}	-.279	-.221	-.138	.131	.092	-.016	.109	-.015	.156	.239	-.034
	p	.000	.001	.043	.055	.179	.812	.112	.825	.023	.000	.622
Coca/Crack	r_{pb}	-.119	-.077	-.048	.161	-.053	.058	.083	-.017	.074	.062	-.073
	p	.082	.262	.480	.018	.435	.400	.225	.807	.282	.362	.284
Estimulantes	r_{pb}	-.195	-.133	-.107	.313	-.047	.012	-.032	-.044	.094	.133	-.004
	p	.004	.051	.117	.000	.493	.864	.645	.521	.171	.051	.957
Inalantes	r_{pb}	-.079	.040	-.094	.024	-.063	.125	-.020	.063	.060	.174	-.183
	p	.247	.554	.166	.730	.356	.066	.774	.355	.375	.010	.007
Hipnóticos	r_{pb}	.053	.157	-.093	.028	-.072	.039	.067	-.019	.074	-.054	-.105
	p	.444	.022	.176	.688	.292	.567	.329	.781	.283	.428	.124
Opiáceos	r_{pb}	.114	-.056	-.058	.006	-.039	-.045	.051	-.058	.022	-.052	.041
	p	.095	.417	.397	.931	.571	.511	.453	.397	.749	.451	.548
LSD	r_{pb}	-.180	-.169	-.144	.054	.095	.018	-.019	-.078	.069	.194	.085
	p	.008	.013	.034	.432	.162	.794	.782	.251	.314	.004	.211
Ayahuasca	r_{pb}	-.329	-.165	-.015	.025	.059	-.066	-.077	-.135	-.074	-.030	.603
	p	.000	.015	.821	.720	.391	.333	.258	.047	.276	.665	.001
Jurema	r_{pb}	-.204	-.129	-.094	-.013	.144	.048	.044	-.129	-.015	.057	.242
	p	.003	.062	.173	.849	.036	.484	.526	.062	.833	.413	.001
Changa	r_{pb}	-.196	-.110	-.078	.060	.139	.005	-.027	-.040	.026	.177	.035
	p	.004	.107	.257	.378	.042	.944	.695	.556	.699	.009	.615

Cogumelos	r_{pb}	-.275	-.191	.010	-.005	.021	.185	-.005	-.079	.030	.186	.102
	p	.000	.005	.880	.945	.762	.007	.941	.248	.664	.006	.139
MDMA	r_{pb}	-.188	-.165	-.145	.161	-.076	.174	.054	-.037	.034	.140	.024
	p	.006	.016	.034	.018	.270	.011	.433	.594	.618	.041	.723

Católico e Evangélico

A partir de uma análise de correlação ponto-bisserial constatou-se que pessoas de orientação religiosa cristã (católicas e evangélicas) estão negativamente correlacionadas com o uso de substâncias psicoativas, exceto para o uso de hipnóticos entre evangélicos, onde se constatou uma correlação positiva, fraca e significativa $r_{pb} = 0,157$, $p = 0,022$, demonstrando a existência do uso de hipnóticos entre evangélicos. Em outras palavras, pessoas que se identificam como católicas e evangélicas, no geral, tendem a não fazer uso de substâncias psicoativas. Esses resultados seguem dentro do esperado, visto que, religiões cristãs condenam o uso de substâncias psicoativas (Da Costa e Júnior, 2017).

Agnósticos, Ateus e Sem religião

Em relação ao grupo que se identificou como “sem religião”, os resultados também seguiram dentro do esperado, visto que, foi o grupo que mais apresentou correlações positivas significativas que indicaram o uso de diferentes substâncias. Visto que, aspectos religiosos com preceitos morais e proibição sobre o uso de psicoativos não exercem influência sobre esse grupo, é esperado que essas pessoas sejam mais permissivas em relação ao uso de substâncias.

Enquanto o grupo que marcou a opção “agnóstica” apresentou correlação positiva significativa para o uso de álcool, porém uma correlação negativa para o uso de ayahuasca, o que segue dentro do esperado. Visto que, pessoas que seguem essa orientação filosófica, não seguem uma determinada fé ou crença e, conseqüentemente, tendem a não buscar nem utilizar recursos que estejam relacionados a algo espiritual e metafísico, como é o caso da ayahuasca. O mesmo pode ser aplicado para o grupo de “ateístas”, onde foi possível perceber apenas o uso de maconha entre esse grupo ($r_{pb} = 0,156$; $p = 0,023$), nessa pesquisa. Apesar da maconha também ser utilizada com um sentido espiritual, como é o caso entre integrantes da religião do santo daime (Júnior, 2018), essa substância tem uma variedade de diferentes sentidos de uso, podendo ser utilizada com o intuito recreativo e/ou terapêutico, sendo esse o sentido que melhor explica o uso entre o grupo de “ateístas”.

Outras Religiões, Espírita, Afro, Budista, Ayahuasqueira, Esotérica

Já as pessoas que se identificam como espíritas apresentaram uma correlação negativa significativa para uso de maconha, LSD e MDMA, sugerindo que não há uso dessas substâncias entre espíritas, nessa pesquisa. Não houve correlações significativas para as demais substâncias dentro desse grupo. Em relação aos participantes que seguem religiões de matriz afro, foi visto correlações positivas significativas ($p < .05$) para tabaco, álcool, maconha, cocaína/crack, estimulantes e MDMA, o que indica que há uso dessas substâncias dentro do grupo. Esse resultado corresponde com o que já pode ser visto, na prática, em religiões de matriz afro, que permitem e também incluem em práticas religiosas e ritos, o uso de substâncias psicoativas como tabaco e álcool (Alves Júnior, 2016). Além de não proibir o uso de demais substâncias (Barbosa, Silva & Andrade., 2023).

Em relação aos budistas e esotéricos, as únicas correlações positivas e significativas, ou seja, que indicam o uso de substâncias, foram para jurema e changa entre budistas e o uso de cogumelos e MDMA entre esotéricos. A indicação de uso apenas de substâncias psicodélicas entre esotéricos corresponde com a concepção filosófica desse grupo, onde utilizam substâncias com o intuito de conexão com o sagrado e práticas espirituais e terapêuticas para além de fins somente religiosos (Souza, 2023).

Esses resultados reforçam a ideia de que as diferentes tradições religiosas e filosofias de vida influenciam significativamente os comportamentos relacionados ao uso de substâncias psicoativas (Brasil, 2017). Enquanto religiões mais tradicionais e organizadas, como o cristianismo, tendem a inibir o uso de substâncias, grupos sem religião ou com crenças esotéricas e espirituais demonstram maior abertura para o uso, principalmente de substâncias psicodélicas e enteógenas. Este padrão sugere uma ligação entre o tipo de experiência religiosa e o uso de substâncias, corroborando estudos anteriores que apontam para a complexidade dessa relação (Barbosa et al., 2023).

Na **Tabela 04** estão apresentadas as correlações ponto-bisseriesiais entre diferentes grupos ayahuasqueiros e frequência de uso de substâncias psicoativas.

Tabela 04. Correlações ponto-bisseriais entre diferentes grupos ayahuasqueiros e frequência de uso de substâncias psicoativas

Psicoativos	Correlação	Aya. UDV	Aya, Daime	Aya. Xamânica	Aya, Independente	Aya, Total
Tabaco	r_{pb}	-.102	-.048	-.015	-.026	-.102
	p	.131	.476	.830	.696	.132
Álcool	r_{pb}	-.234	.090	-.085	.052	-.109
	p	.001	.185	.209	.442	.108
Maconha	r_{pb}	-.210	.136	-.055	.093	-.034
	p	.002	.047	.426	.176	.622
Coca/Crack	r_{pb}	-.066	-.058	-.077	.055	-.073
	p	.335	.398	.262	.424	.284
Estimulantes	r_{pb}	-.127	.069	-.067	.129	-.004
	p	.063	.311	.325	.058	.957
Inalantes	r_{pb}	-.086	-.068	-.090	-.090	-.183
	p	.205	.317	.184	.184	.007
Hipnóticos	r_{pb}	.032	-.086	-.060	-.087	-.105
	p	.638	.210	.384	.206	.124
Opiláceos	r_{pb}	-.053	-.042	.077	.077	.041
	p	.438	.540	.259	.259	.548
LSD	r_{pb}	-.162	.103	-.118	.341	.085
	p	.017	.130	.082	.001	.211
Ayahuasca	r_{pb}	.430	.220	.292	.167	.603
	p	.001	.001	.001	.014	.001
Jurema	r_{pb}	-.111	.228	.207	.123	.242
	p	.109	.001	.003	.075	.001
Changa	r_{pb}	-.095	-.033	-.033	.199	.035
	p	.166	.630	.633	.003	.615

Cogumelos	r_{pb}	-.093	.138	.027	.120	.102
	p	.177	.045	.698	.080	.139
MDMA	r_{pb}	-.142	.057	-.109	.229	.024
	p	.038	.402	.113	.001	.723

Entre os participantes das religiões ayahuasqueiras, os resultados demonstram diferenças significativas nos padrões de uso de substâncias psicoativas entre os diferentes grupos.

No caso das pessoas ligadas à **União do Vegetal (UDV)**, os dados corroboram o esperado, com uso predominante e exclusivo de ayahuasca, como indicado pela correlação positiva mais alta ($r_{pb} = 0.430$, $p = 0.000$). O uso de outras substâncias psicoativas, como maconha, álcool, LSD e MDMA, apresentou correlações negativas, o que está alinhado com os preceitos rígidos da UDV que restringem o uso de qualquer substância além da ayahuasca. Isso reflete a forte disciplina espiritual e as normas religiosas estritas da UDV, onde a ayahuasca é vista como um meio sagrado de autoconhecimento e conexão espiritual, sem espaço para outras substâncias.

Por outro lado, os participantes da religião **Santo Daime** mostraram um padrão mais diversificado de uso. As correlações positivas entre o uso de ayahuasca ($r_{pb} = 0.220$, $p = 0.001$), maconha ($r_{pb} = 0.136$, $p = 0.047$), jurema ($r_{pb} = 0.228$, $p = 0.003$), cogumelos ($r_{pb} = 0.138$, $p = 0.045$) e outras substâncias refletem a flexibilidade dessa doutrina quanto ao uso de substâncias naturais e enteógenos em rituais. Como sugerido na literatura (Alves Júnior, 2016), o Santo Daime permite o uso de certas substâncias como parte de práticas espirituais, especialmente aquelas que têm origem em tradições indígenas, o que explica a presença de correlações positivas com várias substâncias, incluindo a maconha, que é vista como auxiliar em práticas meditativas e de cura.

Já o grupo de vertente **xamânica** demonstrou correlações mais restritas, focadas em substâncias como ayahuasca ($r_{pb} = 0.292$, $p = 0.001$) e jurema ($r_{pb} = 0.207$, $p = 0.003$). Isso é coerente com a visão xamânica tradicional, que tende a privilegiar o uso de plantas sagradas com propriedades enteógenas, como parte de rituais de cura e conexão espiritual com o mundo natural e o sobrenatural. A ausência de correlações significativas com substâncias como maconha, LSD ou MDMA indica que esses participantes aderem principalmente ao uso de recursos naturais e místicos como ferramentas espirituais com o intuito de cura e conexão com uma dimensão sobrenatural,

Por fim, o grupo de pessoas que utiliza ayahuasca de forma **independente** apresentou o padrão mais diversificado de uso de substâncias, com correlações positivas significativas para estimulantes ($r_{pb} = 0.129$, $p = 0.058$), LSD ($r_{pb} = 0.341$, $p = 0.001$), changa ($r_{pb} = 0.199$, $p = 0.003$), MDMA ($r_{pb} = 0.229$, $p = 0.001$), além da própria

ayahuasca ($rpb = 0.167$, $p = 0.014$). Esses resultados sugerem que indivíduos que não estão associados a religiões ou grupos específicos tendem a ser mais experimentais e abertos ao uso recreativo de uma gama mais ampla de substâncias. Isso pode estar relacionado à ausência de influências religiosas que proíbem ou orientam o uso de drogas, levando a uma abordagem mais liberal e autodirigida no uso dessas substâncias.

Esses padrões de uso refletem a complexa relação entre crenças religiosas, preceitos filosóficos e o uso de substâncias enteógenas e recreativas, destacando como diferentes contextos espirituais influenciam a aceitação e o uso de psicoativos entre os adeptos dessas religiões e práticas independentes.

Discussão

A partir dos dados apresentados, a relação entre a orientação religiosa e o uso de substâncias psicoativas revela padrões complexos influenciados por aspectos culturais, filosóficos e espirituais. A literatura existente oferece uma ampla gama de evidências que correlacionam religiosidade com a modulação do comportamento em relação às substâncias psicoativas. Estudos indicam que a religiosidade pode agir como um fator protetor contra o uso de drogas, especialmente em contextos em que normas religiosas são rígidas e proíbem o consumo dessas substâncias. A pesquisa de Campos (2020) sugere que a religiosidade atua em dois principais domínios: prevenção primária e abstinência sustentada. Indivíduos altamente religiosamente envolvidos têm uma probabilidade reduzida de iniciar o uso de drogas, e aqueles que já estão envolvidos em comportamentos de abuso tendem a apresentar melhores taxas de recuperação.

Religiões tradicionais, como o **catolicismo e o evangelismo**, têm historicamente condenado o uso de substâncias psicoativas, exceto aquelas permitidas em contextos rituais, como o vinho na celebração da eucaristia. Um estudo sistemático da literatura aponta que a frequência de uso de substâncias como álcool e drogas ilícitas é menor entre pessoas que praticam religiões que impõem normas rígidas contra o uso de tais substâncias. Em um estudo conduzido por Van der Meer Sanchez, De Oliveira, e Nappo (2008), observou-se que a religião funciona como um forte fator de proteção em jovens, ajudando a mantê-los afastados do uso de drogas. Além disso, o trabalho de Granjeiro e Almeida (2017) mostrou que a espiritualidade serve como um fator de proteção,

particularmente entre adolescentes, prevenindo tanto o uso inicial quanto o abuso de substâncias psicoativas.

Em um contexto brasileiro, os **católicos e evangélicos** apresentaram correlações negativas significativas em relação ao uso de substâncias psicoativas, conforme evidenciado na análise dos dados. Entre esses grupos, a repressão ao uso de drogas está alinhada com a visão cristã de preservação do corpo e da alma, elementos que são considerados sagrados. A forte aderência aos princípios religiosos também contribui para o sucesso de programas de reabilitação em indivíduos que fazem uso de substâncias, sugerindo que a religião pode fornecer tanto apoio emocional quanto prático em momentos de crise (e.g., Tuguimoto, et al, 2011; Weinandy & Grubbs, 2021). Esses achados refletem o fato de que, para esses grupos, as normas religiosas desempenham um papel central, o que também pode explicar a exceção observada no uso de hipnóticos entre evangélicos, resultado que pode estar relacionado à classificação de certos medicamentos como hipnóticos (Andrade, 2020).

Por outro lado, os grupos que se identificam como "**sem religião**" tendem a apresentar maior permissividade no uso de substâncias. A ausência de preceitos religiosos que proíbem o uso de drogas deixa esses indivíduos mais suscetíveis ao uso recreativo de psicoativos. Esse padrão é consistente com os dados apresentados onde "ateístas" e "agnósticos" demonstram, por exemplo, uma maior correlação com o uso de maconha e álcool. A pesquisa de Chitwood, Weiss & Leukefeld (2008) mostra que indivíduos não religiosos ou com baixa espiritualidade tendem a recorrer mais frequentemente ao uso de drogas, muitas vezes buscando experiências que proporcionem um sentido de transcendência que normalmente seria oferecido pela religiosidade.

Essas correlações positivas indicam uma postura liberal em relação ao uso de substâncias, evidenciando uma maior autonomia em suas decisões. A maior diversidade de pontos norteadores observada nesses grupos pode ser interpretada como uma independência em relação às estruturas religiosas, permitindo que outros fatores influenciem suas escolhas. Campos (2020) reforça essa perspectiva ao apontar que a ausência de religiosidade geralmente está associada a uma maior permissividade em relação a comportamentos de risco, inclusive o uso recreativo de substâncias, sugerindo que a ausência de um sistema moral externo pode aumentar o foco na autonomia

individual (e.g., Dias, 2011; Jahn & Dell’Aglia, 2017; Lima, 2023; Miller, Davies & Greenwald, 2000).

Religiões que incorporam o uso de psicoativos em seus rituais, como as religiões **ayahuasqueiras** e algumas tradições **afro-brasileiras**, apresentam um perfil distinto em relação ao uso de substâncias. Nesses contextos, o uso de psicoativos como a ayahuasca e a jurema não é visto como recreativo, mas como uma ferramenta espiritual para alcançar estados alterados de consciência e conectar-se com o divino. Isso foi evidenciado nos resultados encontrados, onde os grupos ayahuasqueiros, em especial o **Santo Daime** e as vertentes **xamânicas**, demonstraram uma correlação positiva com o uso de substâncias como ayahuasca e jurema. Esses resultados refletem as práticas dessas religiões, que utilizam tais substâncias de maneira controlada e ritualística, como forma de expansão da consciência e cura espiritual (Chrost & Chrost, 2023). A principal diferença em relação aos grupos tradicionais é que os adeptos dessas religiões se restringem ao uso de substâncias que têm um significado espiritual para suas práticas, como os psicodélicos. A pesquisa de Kaasik (2022) destaca que o uso de ayahuasca tem crescido em popularidade, inclusive em contextos fora dos tradicionais, sugerindo que as práticas rituais envolvendo substâncias psicoativas estão se expandindo além das fronteiras religiosas tradicionais.

A complexidade da relação entre religiosidade e uso de drogas é amplamente reconhecida. Enquanto algumas religiões promovem a total abstinência, outras veem certas substâncias como sagradas e fundamentais para a prática espiritual. De acordo com Davey Waldstein & Zhao, (2022), a variação nas atitudes religiosas em relação ao uso de drogas está intrinsecamente ligada aos sistemas de crença e à função social que a religião exerce para cada grupo. Estudos futuros poderão explorar ainda mais essas diferenças, especialmente considerando que o comportamento relacionado ao uso de substâncias pode variar amplamente entre grupos religiosos e espirituais, e aqueles que não seguem nenhuma fé organizada. Schultes e Hofmann (1979) também argumentam que a função social das substâncias enteógenas varia amplamente, com algumas culturas utilizando essas substâncias para promover a coesão social, enquanto outras as criminalizam, refletindo um ciclo de aceitação e repressão que se manifesta em diferentes épocas e lugares.

Em resumo, os resultados das análises refletem a influência significativa que a religião exerce sobre o uso de substâncias psicoativas. Religiões mais tradicionais e

organizadas tendem a proibir o uso de drogas, enquanto grupos que seguem práticas espirituais menos convencionais ou sem religião apresentam maior propensão ao uso de psicoativos, seja para fins recreativos ou rituais. Estudos futuros devem continuar a explorar essa relação para entender melhor como a orientação religiosa pode servir tanto como fator de proteção quanto de permissividade no uso de substâncias.

Conclusão

A partir das análises e dos dados apresentados sobre a relação entre a orientação religiosa e o uso de substâncias psicoativas, é evidente que esse vínculo é profundamente influenciado por fatores culturais, filosóficos e espirituais. Vários estudos apontam que a religiosidade age como um fator protetor contra o uso de drogas, principalmente quando as normas religiosas proíbem expressamente essas substâncias (GRANJEIRO. 2017; CHITWOOD et al, 2008). Os dados do estudo confirmam que as religiões tradicionais como o cristianismo, especialmente o catolicismo e o evangelismo, tendem a desencorajar o uso de substâncias psicoativas devido à sua ênfase na preservação do corpo e da alma como sagrados.

Estudos como o de Granjeiro (2017) indicam que, particularmente entre adolescentes, a espiritualidade atua como um fator de proteção, ajudando a evitar o uso inicial de drogas e oferecendo suporte emocional durante o processo de recuperação. As religiões cristãs, com suas normas rígidas, têm sido historicamente associadas a menores taxas de uso de substâncias, conforme sugerido também pelo trabalho de Chitwood et al. (2008), que destacou a correlação negativa entre envolvimento religioso e abuso de substâncias entre adolescentes. Essa visão é corroborada por achados que demonstram que indivíduos com maior engajamento religioso tendem a desenvolver menor dependência de substâncias, destacando o papel da espiritualidade em regular comportamentos de risco.

Por outro lado, a ausência de religiosidade, como observado entre ateus e agnósticos, está frequentemente associada a uma maior permissividade em relação ao uso de substâncias psicoativas. Esses grupos tendem a demonstrar uma maior autonomia e abertura para experimentar drogas recreativas, como a maconha e o álcool, conforme relatado por Miller et al. (2000). Isso é exemplificado no fato de que, sem uma estrutura

religiosa, há maior flexibilidade na tomada de decisões relacionadas ao uso de substâncias, o que leva a uma maior variedade de padrões de consumo.

Além disso, práticas religiosas que incorporam o uso ritual de substâncias psicoativas, como as religiões ayahuasqueiras e algumas tradições afro-brasileiras, oferecem um contexto completamente diferente. Nesses grupos, o uso de psicoativos como a ayahuasca e a jurema não é recreativo, mas espiritual e ritualístico, ajudando os praticantes a alcançarem estados ampliados de consciência para conexão com o divino. Estudo como o de Kaasik et al. (2022) demonstram que o uso de substâncias como a ayahuasca tem se expandido além dos contextos religiosos tradicionais, sugerindo uma popularização dessas práticas. É interessante notar que, embora esses grupos utilizem substâncias enteógenas, o uso é estritamente controlado e vinculado a práticas religiosas específicas, o que minimiza os riscos associados a abusos.

A complexidade da relação entre religião e o uso de substâncias é clara quando se consideram as diferentes atitudes religiosas em relação às drogas. Enquanto religiões como o cristianismo promovem a total abstinência, outras veem certas substâncias como sagradas e essenciais para suas práticas espirituais. Essa diversidade de perspectivas reflete a vasta pluralidade cultural e religiosa existente no Brasil, como bem documentado por autores como Nogueira (2020) e Rocha et al. (2021). Isso também indica que futuras intervenções no campo da saúde devem considerar essas diferenças culturais e religiosas para serem mais eficazes no tratamento e na prevenção do uso de substâncias psicoativas.

Em conclusão, a orientação religiosa é um fator significativo que pode tanto inibir quanto permitir o uso de substâncias psicoativas, dependendo do contexto religioso ou filosófico em questão. Religiões tradicionais tendem a exercer um forte controle moral sobre o uso de drogas, enquanto práticas espirituais mais esotéricas e grupos sem religião exibem uma maior abertura ao uso de substâncias, especialmente aquelas com propriedades enteógenas e psicodélicas.

Sugestões para Futuros Estudos e Limitações

Embora tenha sido possível observar uma forte correlação entre orientação religiosa e padrões de uso de substâncias psicoativas, futuros estudos devem aprofundar

a investigação sobre como diferentes denominações dentro das mesmas religiões podem influenciar essas relações. Além disso, é importante considerar a influência de outros fatores sociais e econômicos, como renda e escolaridade, que podem atuar conjuntamente com a religiosidade. Uma limitação deste estudo é que a maior parte dos dados se baseia em autodeclaração, o que pode introduzir viés de resposta. Por fim, seria interessante explorar o impacto da globalização e da popularização de práticas espirituais fora de seus contextos originais, como no caso do uso da ayahuasca em contextos urbanos.

Capítulo 2: Coping Religioso/Espiritual e orientação religiosa

Introdução

O coping religioso/espiritual (CRE) é um componente essencial no enfrentamento de adversidades e situações de estresse, principalmente em contextos onde a religião e a espiritualidade são centrais na vida dos indivíduos. O CRE refere-se ao uso da religião, espiritualidade ou fé como estratégias para lidar com o estresse, podendo essas estratégias serem positivas ou negativas, dependendo de seus efeitos no bem-estar dos indivíduos. No estudo de Panzini & Bandeira (2007) o CRE positivo esteve relacionado a melhores resultados em termos de saúde física e mental, além de contribuir para uma qualidade de vida elevada, enquanto o CRE negativo pode exacerbar o estresse e provocar desfechos negativos.

A orientação religiosa de um indivíduo influencia diretamente as estratégias de coping que ele ou ela adota. Diferentes grupos religiosos podem utilizar o CRE de formas variadas. Por exemplo, aqueles com uma forte orientação religiosa tendem a empregar o CRE positivo, buscando apoio espiritual e fortalecendo sua relação com a divindade. Em contraste, indivíduos não religiosos ou pertencentes a grupos com orientações menos convencionais podem adotar estratégias de coping mais diversificadas, que não se baseiam exclusivamente na espiritualidade (Faria & Seidl, 2005).

No Brasil, onde a religião desempenha um papel central na vida de muitos, compreender como diferentes grupos religiosos utilizam o CRE é essencial para desenvolver intervenções psicológicas culturalmente sensíveis e eficazes. Ferramentas como o RCOPE e a Escala CRE são cruciais para que os profissionais de saúde mental avaliem as necessidades espirituais dos pacientes e integrem o CRE em seus planos de tratamento, proporcionando uma abordagem mais holística e abrangente do cuidado (Wiedenhof & Machado, 2020). A investigação sobre o CRE aprofunda a compreensão do papel da religião e da espiritualidade na promoção da resiliência e do bem-estar. Além disso, oferece insights valiosos para a promoção da saúde mental em contextos culturalmente diversos, algo especialmente relevante no Brasil, onde a diversidade religiosa é grande e influente na vida cotidiana (Oliveira, & Junges, 2012).

O coping religioso/espiritual (CRE) tem se mostrado um componente vital na forma como os indivíduos enfrentam adversidades e situações de estresse. A capacidade de lidar com dificuldades através da fé, da espiritualidade ou de práticas religiosas tem sido um campo de estudo significativo na psicologia da religião, especialmente em um mundo onde as crises pessoais e coletivas são cada vez mais frequentes. Esta introdução visa

explorar a relação entre a orientação religiosa de diferentes grupos e como esses grupos utilizam o CRE para enfrentar desafios, com base na literatura existente.

Coping pode ser definido como um conjunto de estratégias comportamentais e cognitivas que os indivíduos utilizam para gerenciar o estresse e as adversidades (Folkman & Lazarus, 1980). Quando essas estratégias incorporam elementos de religião, espiritualidade ou fé, o termo "coping religioso/espiritual" é utilizado. De acordo com Pargament (1997), o CRE pode ser uma fonte de suporte emocional, fornecer um sentido de propósito, e até mesmo oferecer uma estrutura para a aceitação e enfrentamento de situações que estão além do controle do indivíduo. O CRE, portanto, não só ajuda na superação de crises, mas também na manutenção do bem-estar psicológico e espiritual a longo prazo.

A orientação religiosa de um indivíduo, ou seja, suas crenças, práticas e o nível de comprometimento com uma tradição religiosa, influencia diretamente as estratégias de coping que ele ou ela pode adotar. A literatura indica que diferentes grupos religiosos podem apresentar variações significativas na forma como utilizam o CRE (Foch Silva & Enumo, 2017). Por exemplo, Pargament et al. (2000) identificaram que grupos com uma forte orientação religiosa tendem a utilizar mais frequentemente o CRE positivo, que envolve estratégias como a busca de apoio espiritual, o fortalecimento da relação com Deus, e a reinterpretação das dificuldades como oportunidades de crescimento espiritual.

A partir destes pressupostos e com base na literatura revisada este estudo tem como **objetivo principal** investigar como diferentes grupos religiosos no Brasil utilizam o coping religioso/espiritual para enfrentar situações de estresse. Entender como diferentes grupos religiosos utilizam o coping religioso/espiritual é crucial para o desenvolvimento de intervenções psicológicas mais eficazes e culturalmente sensíveis. De fato, em um contexto multicultural e diversificado como o Brasil, onde a religião desempenha um papel central na vida de muitos indivíduos, as estratégias de CRE podem variar amplamente. Este estudo busca contribuir para a literatura existente, oferecendo insights sobre a complexidade e diversidade das práticas de CRE entre diferentes grupos religiosos. Além disso, sublinha a importância de uma abordagem contextualizada e culturalmente sensível na promoção do bem-estar psicológico e espiritual, reconhecendo a diversidade das práticas religiosas no Brasil.

Além disso, os resultados deste estudo podem informar a prática clínica, fornecendo aos profissionais de saúde mental ferramentas para entender melhor as necessidades espirituais de seus pacientes e para integrar o CRE de maneira eficaz em

seus planos de tratamento. Em última análise, o estudo espera promover uma compreensão mais profunda do papel da religião e da espiritualidade no enfrentamento das adversidades e na promoção da resiliência e do bem-estar em um contexto culturalmente diversificado.

A hipótese central é que a orientação religiosa influencia significativamente as estratégias de coping adotadas, com grupos religiosos tradicionais utilizando predominantemente o CRE positivo, enquanto grupos não religiosos ou com orientações religiosas menos convencionais tendem a adotar estratégias de coping mais diversificadas e menos centradas na espiritualidade tradicional.

Adicionalmente, o estudo busca explorar as seguintes hipóteses específicas:

H1: Grupos religiosos tradicionais (católicos e evangélicos) apresentam maior uso de CRE positivo em comparação com grupos não religiosos e menos convencionais.

H2: Grupos não religiosos (agnósticos, ateus e sem religião) apresentam menor uso de CRE positivo e maior tendência a adotar estratégias de coping seculares e individualizadas.

H3: Grupos religiosos intermediários (espíritas, afro-religiosos, budistas, ayahuasqueiros, esotéricos) mostram uma diversidade maior nas estratégias de CRE, refletindo uma abordagem mais pluralista e menos dependente de práticas religiosas convencionais.

Enfim, a introdução de estratégias de coping religioso/espiritual em diferentes contextos religiosos sublinha a importância de reconhecer a diversidade e a complexidade das práticas religiosas no Brasil. Este estudo propõe explorar como a orientação religiosa influencia as estratégias de coping adotadas por diferentes grupos religiosos, com o objetivo de fornecer insights que possam ser utilizados para melhorar o bem-estar psicológico e espiritual dos indivíduos em momentos de crise. Através de uma abordagem rigorosa e fundamentada na literatura, espera-se que este estudo contribua significativamente para o campo da psicologia da religião e para a prática clínica em contextos religiosos e espirituais.

Método

Amostra

O estudo contou com 223 participantes, mas nem todos responderam completamente a todas as variáveis de caracterização sociodemográfica. A amostra foi composta majoritariamente por mulheres, com 120 participantes do sexo feminino (53.8%)

e 85 do sexo masculino (38.1%). A faixa etária dos participantes variou entre 18 e 72 anos, com média de 35.66 anos e desvio padrão de 11.14 anos.

Em relação à distribuição étnica, a maior parte da amostra se identificou como parda (48.0%), seguida por branca (38.6%), negra (6.3%), amarela (1.8%) e outras etnias (3.1%). Quanto ao estado civil, 47.5% dos participantes se declararam solteiros, 25.6% casados, 15.2% estavam em união informal, e 8.5% eram separados ou divorciados.

A escolaridade dos participantes estava predominantemente concentrada no nível superior, com 30.0% dos participantes tendo concluído o ensino superior, 25.1% com ensino superior incompleto, e 17.0% com ensino médio completo. Além disso, uma parcela menor dos participantes tinha formação em nível de mestrado (11.2%) ou doutorado (3.1%).

Quanto à renda familiar, a maioria dos participantes relatou uma renda entre 1 e 4 salários-mínimos (53.9%). Especificamente, 28.3% indicaram receber entre 1 e 2 salários-mínimos, 25.6% entre 3 e 4 salários-mínimos, e 15.7% declararam renda de 10 ou mais salários-mínimos.

O estudo também coletou dados sobre a religião dos participantes (Tabela 02). Os participantes sem religião representaram o maior grupo, com 22.0% da amostra. Entre os que declararam seguir alguma religião, 17.0% se identificaram como católicos, 6.3% como evangélicos/protestantes, e 7.2% pertenciam a outras religiões. Uma parcela significativa dos participantes (18.8%) era adepta das práticas Ayahuasqueira, distribuídos entre diferentes grupos como UDV (4.9%), Daime (3.1%), Xamânica (5.4%), e outros grupos independentes (5.4%).

Instrumentos

Escala de Coping Religioso/Espiritual Breve (CRE-Breve)

A Escala de Coping Religioso/Espiritual Breve (CRE-Breve) é um instrumento amplamente utilizado em pesquisas que visam avaliar como a espiritualidade e a religiosidade são utilizadas por indivíduos como mecanismos de enfrentamento em situações de estresse, doenças graves ou outros desafios significativos na vida. A CRE-Breve é uma versão adaptada e resumida da Escala RCOPE (Religious Coping Scale) desenvolvida por Pargament et al. (2000), e foi validada para a realidade brasileira por Panzini e Bandeira (2005).

Estrutura da Escala: A CRE-Breve é composta por 49 itens, organizados em uma escala

tipo Likert de cinco pontos, que varia de 1 (nunca) a 5 (muitíssimo). Esses itens são distribuídos em duas grandes dimensões:

Coping Religioso/Espiritual Positivo (CREP): Compreende 34 itens que avaliam estratégias positivas de coping, como a busca de conforto e ajuda espiritual, o oferecimento de suporte ao próximo, a transformação pessoal, e o fortalecimento da relação com Deus ou outras forças transcendentes.

Coping Religioso/Espiritual Negativo (CREN): Abrange 15 itens que avaliam estratégias negativas de coping, como a percepção de punição divina, a insatisfação com instituições religiosas e o questionamento do significado da vida.

As pontuações obtidas na escala permitem a análise e compreensão do grau de utilização dessas estratégias de coping pelo indivíduo. A interpretação das pontuações é baseada em categorias que variam de "nenhuma ou irrisória" a "altíssima".

Validação e Confiabilidade: A versão original da escala, o RCOPE, foi validada nos Estados Unidos por Pargament et al. (2000), e desde então, tem sido amplamente utilizada em estudos internacionais. No Brasil, a CRE-Breve foi adaptada e validada por Panzini e Bandeira, que realizaram estudos de consistência interna, obtendo um alfa de Cronbach de 0,88, o que indica uma boa confiabilidade da escala.

Além disso, a CRE-Breve foi utilizada em diversas pesquisas no Brasil para avaliar o coping religioso/espiritual em diferentes contextos, como entre pacientes com câncer, portadores de HIV/AIDS, e outros grupos que enfrentam condições adversas (e.g., Costa, Silva, Cavalcanti, Gomes, Vasconcelos & Carvalho, 2019; Mellagi, 2009; Nipp, El-Jawahri, Fishbein, Eusebio, Staql, Gallagher, et al., 2016; Valcanti, Chaves, Mesquita, Nogueira, & Carvalho, 2012). Os resultados dessas pesquisas têm confirmado a validade da escala e a sua utilidade na compreensão de como a religiosidade e a espiritualidade podem influenciar a forma como os indivíduos lidam com o estresse.

Em resumo, a CRE-Breve é um instrumento útil e adequado em estudos que investigam o papel da espiritualidade e religiosidade no enfrentamento de situações adversas. Sua aplicação em diferentes grupos religiosos permite uma compreensão abrangente das diversas formas de coping espiritual e religioso, contribuindo para a identificação de padrões que podem ser relevantes para intervenções psicológicas e pastorais. A escala também é valiosa para pesquisadores interessados em explorar as diferenças culturais no coping religioso/espiritual, já que foi adaptada para o contexto brasileiro, respeitando as particularidades da religiosidade local, mas mantendo-se fiel às

estratégias de coping identificadas na tradição judaico-cristã e em outras práticas religiosas.

Procedimentos

Para a realização da coleta de dados dessa pesquisa, foi divulgado um único questionário, feito na plataforma *Qualtrics*, distribuído de forma online. O acesso ao link do questionário foi disponibilizado junto com o convite para a participação, por meio de mensagens e links diretos em redes sociais (instagram e whats app). Para participar do estudo, os participantes, primeiramente, precisaram ler e aceitar o termo de consentimento livre e esclarecido, que continha informações sobre a descrição da pesquisa, aspectos éticos, o caráter totalmente voluntário da participação, bem como a possibilidade de desistência a qualquer momento e o respaldo em relação à proteção dos dados que ali foram fornecidos. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco (CAAE: 71263023.8.0000.5208).

Resultados

Análise correlacional de grupos religiosos e CRE-Breve: Escala de Coping Religioso/Espiritual Breve

A Tabela 01 apresenta os coeficientes de correlação ponto-bisserial (r_{pb}) entre diferentes grupos religiosos e os escores dos fatores do Coping Religioso/Espiritual (CRE-Breve). A análise envolve sete fatores positivos e quatro fatores negativos de coping religioso/espiritual, conforme medidos pelo CRE-Breve. Os grupos religiosos analisados incluem: Católica, Evangélica, Espírita, Afro, Budista, Esotérica, Ayahuasqueira, Outra Religião, Agnóstica, Ateísta, e Sem Religião.

Tabela 01. Matriz de correlação ponto-bisserial entre a Escala de Coping religioso/espiritual (CRE-Breve: sete fatores positivos e dos quatro fatores negativos) e os onze grupos religiosos Católica, Evangélica, Espírita, Afro, Budista, Esotérica, Ayahuasqueira, Outra Religião, Agnóstica, Ateísta, Sem Religião (N=).

Coping Religioso-Espiritual - CRE		Católica	Evangélica	Espírita	Afro	Budista	Exotérica	Ayahuasqueira	Outra Religião	Agnóstica	Ateísta	Sem Religião
P1.Transformação de Si e/ou de sua Vida	r_{pb}	.222	.298	.032	-.065	.099	-.017	.078	-.053	-.228	-.201	-.214
	p	.005	.000	.693	.418	.217	.831	.332	.510	.004	.012	.007
P2.Ações em Busca de Ajuda Espiritual	r_{pb}	.009	-.029	.191	.184	.074	.060	.101	-.004	-.256	-.164	-.126
	p	.913	.721	.017	.021	.356	.458	.209	.964	.001	.040	.117
P3.Oferta de Ajuda ao Outro	r_{pb}	.081	.225	-.006	.017	.046	.040	.083	-.025	-.131	-.090	-.206
	p	.316	.005	.944	.834	.570	.618	.305	.758	.104	.264	.010
P4.Posição Positiva Frente a Deus	r_{pb}	.259	.189	.063	.000	-.025	-.010	.112	-.010	-.231	-.274	-.204
	p	.001	.018	.434	.998	.755	.905	.162	.905	.004	.001	.011
P6.Ações em Busca do Outro Institucional	r_{pb}	.286	.222	.030	.117	-.039	-.001	.054	-.007	-.240	-.167	-.272
	p	.000	.005	.709	.147	.628	.994	.501	.931	.003	.038	.001
P7.Busca Pessoal de Crescimento Espiritual	r_{pb}	.227	.306	-.002	-.112	.132	.025	-.125	-.090	-.084	-.042	-.145
	p	.005	.000	.983	.168	.106	.759	.125	.269	.301	.611	.075
P8.Afastamento Atr. de Deus Rel. e/ou Esp.	r_{pb}	.294	.177	-.087	-.024	.164	-.027	.093	-.053	-.222	-.222	-.183
	p	.000	.027	.282	.769	.041	.743	.249	.510	.005	.005	.022
N1.Reavaliação Negativa de Deus	r_{pb}	-.088	-.087	-.106	.020	.083	.011	-.122	-.095	.014	.222	.206
	p	.276	.285	.191	.810	.307	.888	.130	.242	.868	.006	.010
N2.Posição Negativa Frente a Deus	r_{pb}	.111	.457	-.006	-.022	.136	.000	-.123	-.006	-.170	-.182	-.118
	p	.170	.000	.942	.784	.091	.997	.127	.939	.034	.023	.143
N3.Reavaliação Negat. do Significado	r_{pb}	.043	.064	.123	-.123	.167	.156	.008	.001	-.200	-.051	-.093
	p	.591	.430	.126	.128	.037	.052	.921	.985	.012	.531	.251
N4.Insatisfação com o Outro Institucional	r_{pb}	-.019	.042	-.056	-.028	.036	-.056	-.044	.062	.072	-.045	.035
	p	.810	.605	.485	.729	.656	.491	.588	.439	.370	.577	.663
Positivo. Coping Religioso-Espiritual	r_{pb}	.222	.241	.046	.038	.076	.008	.076	-.036	-.249	-.206	-.237
	p	.005	.002	.568	.632	.344	.925	.347	.657	.002	.010	.003
Negativo. Coping Religioso-Espiritual	r_{pb}	.009	.142	-.047	-.042	.139	.021	-.122	.020	-.075	-.002	.042
	p	.907	.077	.562	.603	.083	.792	.129	.807	.350	.978	.600

A análise dos resultados da Escala de Coping Religioso/Espiritual (CRE-Breve) revela diferenças significativas entre os perfis de coping religioso/espiritual adotados por diferentes grupos religiosos e não religiosos. Esta comparação elucidada não apenas as distintas abordagens em face de adversidades, mas também reflete as variáveis motivações e significados atribuídos ao sofrimento e à busca de suporte (Pargament, 1997).

Católico e Evangélico

A análise dos resultados da Escala de Coping Religioso/Espiritual (CRE-Breve) revela que os grupos Católico e Evangélico apresentam um perfil robusto e consistente de coping positivo, refletido em várias correlações significativas. Esta inclinação para o uso de estratégias de coping que envolvem tanto a transformação pessoal quanto a busca de apoio espiritual e institucional sublinha a centralidade da fé religiosa no enfrentamento de crises por esses grupos. De acordo com Pargament (1997), o coping religioso serve como um recurso fundamental para indivíduos que enfrentam adversidades, proporcionando-lhes uma estrutura de sentido, suporte emocional, e uma sensação de controle diante do incontrolável. Nos grupos Católico e Evangélico, a alta incidência de correlações positivas com aspectos como "Transformação de Si" e "Busca de Crescimento Espiritual" sugere que esses indivíduos tendem a reconfigurar suas experiências negativas em termos espirituais, encontrando significado e propósito através de sua fé.

A presença de uma estrutura religiosa bem definida, como observado entre Católicos e Evangélicos, facilita o acesso a uma comunidade de apoio e a rituais consolidados que reforçam a identidade religiosa e oferecem caminhos claros para a superação de desafios. A confiança em dogmas e práticas estabelecidas permite que esses indivíduos utilizem a religião como uma âncora, ajudando-os a reorientar valores e a encontrar estabilidade emocional. Pargament (1997) enfatiza que essa estrutura organizada de crenças e práticas não apenas oferece conforto, mas também promove a resiliência, encorajando os crentes a verem suas provações como oportunidades de crescimento espiritual.

Em comparação com grupos como agnósticos, ateus e aqueles sem religião, que apresentam menos correlações significativas, os Católicos e Evangélicos demonstram uma maior coesão e clareza na forma como abordam o sofrimento e as crises. Isso pode ser atribuído à integração da religião em quase todos os aspectos de suas vidas, desde a prática cotidiana até a interpretação de eventos adversos. Enquanto grupos não religiosos

ou menos convencionais podem recorrer a uma mistura mais eclética de estratégias de coping, a abordagem religiosa organizada oferece uma resposta mais unificada e consistente, que está alinhada com as tradições e ensinamentos religiosos.

Assim, os resultados indicam que Católicos e Evangélicos utilizam suas crenças religiosas como uma ferramenta poderosa de coping, que não só ajuda na superação de crises, mas também promove o crescimento pessoal e espiritual. A forte estrutura religiosa desses grupos, combinada com práticas espirituais estabelecidas, cria um ambiente que facilita a resiliência e a renovação de propósito. Este perfil de coping positivo é uma demonstração do papel central que a fé pode desempenhar na vida de seus praticantes, oferecendo uma rede de suporte que vai além do individual, envolvendo a comunidade e a instituição religiosa como um todo.

Agnósticos, Ateus e Sem religião

Grupos como os agnósticos, ateus e aqueles sem religião apresentam perfis de coping que divergem significativamente dos grupos religiosos tradicionais, sobretudo Católicos e Evangélicos. Esses grupos demonstram uma maior incidência de correlações negativas significantes tanto com o coping positivo quanto com o coping negativo, refletindo uma abordagem distinta em relação ao enfrentamento de adversidades. A literatura sugere que indivíduos que não se identificam com religiões tradicionais, ou que se consideram agnósticos ou ateus, frequentemente buscam fontes de suporte e significado que não dependem de práticas religiosas convencionais. Segundo Pargament (1997), o coping religioso positivo está fortemente associado à integração de crenças religiosas com a vida cotidiana, o que proporciona uma rede de suporte emocional e espiritual em momentos de crise. No entanto, para aqueles que não se baseiam em uma estrutura religiosa, o coping positivo pode ser menos evidente, visto que esses indivíduos tendem a adotar uma postura mais autônoma e racional em relação aos desafios, confiando em suas próprias capacidades, redes sociais seculares, e abordagens filosóficas para enfrentar o sofrimento.

As correlações negativas com o coping positivo, observadas entre agnósticos, ateus e pessoas sem religião, podem indicar uma menor utilização de mecanismos religiosos tradicionais para dar sentido ao sofrimento. Em vez disso, esses grupos podem interpretar adversidades através de lentes mais céticas ou críticas, o que pode resultar em uma menor disposição para ver as crises como oportunidades de crescimento espiritual. Ao mesmo tempo, a ausência de fortes correlações com o coping negativo sugere que

esses indivíduos podem não experimentar o mesmo nível de conflito interno ou dúvida em relação à sua postura diante do sofrimento, uma vez que não dependem de uma narrativa religiosa para explicar ou enfrentar essas experiências.

A maior autonomia e individualização observadas nesses grupos podem ser interpretadas como uma forma de resiliência que não se baseia em estruturas religiosas, mas sim em uma rede de suportes diversificada e personalizada. Pargament (1997) destaca que, embora a religião possa oferecer poderosos recursos de coping, a ausência dela não implica necessariamente em um déficit de resiliência, mas sim em uma diferença na maneira como os indivíduos constroem significado e encontram suporte. Indivíduos que não se alinham com tradições religiosas podem desenvolver outras formas de coping, que são igualmente eficazes, mas baseadas em outros valores e fontes de força.

Em resumo, os resultados sugerem que os agnósticos, ateus, e aqueles sem religião adotam abordagens mais diversificadas e menos dependentes de estruturas religiosas tradicionais para lidar com adversidades. Essas abordagens refletem uma visão de mundo mais racional e personalizada, onde o suporte emocional e o sentido são construídos de maneira independente, sem a necessidade de mediação religiosa. Este perfil pode oferecer insights valiosos sobre a diversidade das estratégias de coping e a importância de considerar uma ampla gama de recursos de resiliência na promoção do bem-estar psicológico (Año & Vasconcelles, 2005).

Outras Religiões, Espírita, Afro, Budista, Ayahuasqueira, Esotérica,

Os grupos intermediários que se identificam com outras religiões — como Espírita, Afro, Budista, Ayahuasqueira, ou que não se vinculam a uma religião específica — Esotérica, demonstram um perfil distinto no uso de estratégias de coping religioso/espiritual. Diferentemente dos grupos Católico e Evangélico, que apresentam uma maior consistência e significância nas correlações, esses grupos intermediários revelam uma menor uniformidade nas respostas de coping. A ausência de correlações significativas em várias dimensões sugere que esses indivíduos podem adotar uma abordagem mais pluralista e diversificada no enfrentamento de adversidades. Isso indica uma tendência a não depender exclusivamente de uma única prática religiosa ou espiritual, mas sim a integrar diferentes fontes de suporte — sejam elas espirituais, filosóficas ou seculares. Este perfil mais flexível pode ser visto como uma expressão de liberdade em relação às normas religiosas tradicionais, permitindo uma maior adaptação às circunstâncias individuais.

Essa pluralidade de abordagens reflete a natureza não dogmática e a abertura a múltiplas influências que caracterizam esses grupos. Em vez de seguirem rigidamente uma tradição religiosa estabelecida, esses indivíduos podem buscar sentido e apoio em práticas que ressoem mais com suas experiências pessoais, o que pode incluir meditação, reflexão filosófica, uso de substâncias enteógenas em contextos rituais (como na Ayahuasca), ou até mesmo uma postura crítica ou agnóstica frente à espiritualidade. A flexibilidade observada nesses grupos pode ser interpretada como uma vantagem em contextos onde a adaptação a novas realidades é necessária, mas também pode indicar um desafio na construção de um suporte espiritual ou comunitário consistente, o que pode ser mais facilmente encontrado em tradições religiosas organizadas e com práticas codificadas. Em suma, os grupos intermediários exibem uma abordagem ao coping que é menos dependente de estruturas religiosas formais e mais aberta a uma variedade de influências. Essa diversidade de estratégias pode tanto enriquecer o repertório de enfrentamento desses indivíduos quanto apresentar desafios únicos em termos de coesão e suporte comunitário.

Enfim, os resultados indicam que o coping religioso/espiritual é profundamente influenciado pela identificação religiosa ou pela ausência dela. Católicos e Evangélicos demonstram como a adesão a uma estrutura religiosa sólida e institucionalizada pode fornecer suporte vital tanto em termos espirituais quanto comunitários, facilitando respostas de enfrentamento mais coesas e consolidadas. Em contraste, agnósticos, ateus e aqueles sem religião tendem a adotar estratégias de coping mais individualizadas e seculares, que refletem uma maior autonomia e uma busca de significado desvinculada de tradições religiosas estabelecidas.

Os grupos que se identificam com outras religiões, por sua vez, mostram uma abordagem mais pluralista e flexível, evidenciando a diversidade de práticas espirituais e filosóficas que são mobilizadas em contextos de adversidade. Esses perfis distintos de coping sublinham a complexidade da experiência religiosa e espiritual, que não pode ser entendida como uma entidade monolítica, mas sim como uma constelação de práticas, crenças e valores que variam amplamente entre diferentes indivíduos e grupos.

Estes resultados destacam a importância de reconhecer e valorizar essa diversidade na compreensão da resiliência e do bem-estar psicológico. Em um mundo cada vez mais plural, a capacidade de integrar diferentes fontes de suporte — sejam elas religiosas, seculares, ou uma combinação das duas — pode ser crucial para promover a

saúde mental e o equilíbrio emocional. A espiritualidade e a religiosidade, portanto, devem ser vistas não apenas como práticas de fé, mas como componentes dinâmicos e multifacetados da vida humana, profundamente entrelaçados com a maneira como os indivíduos enfrentam e superam as adversidades.

Análise Multidimensional: SSA da Escala de Coping Religioso/Espiritual

O SSA (Smallest Space Analysis) usando o coeficiente de monotonicidade foi aplicado visando identificar padrões de associação entre os fatores de coping religioso/espiritual e os diferentes grupos religiosos, projetando esses padrões em um espaço bidimensional. A **Figura 01** representa essa projeção bidimensional dos fatores do CRE-Breve com onze grupos religiosos distintos. O coeficiente de alienação de .10643 sugere uma boa adequação do modelo, indicando que os fatores são bem representados no espaço bidimensional.

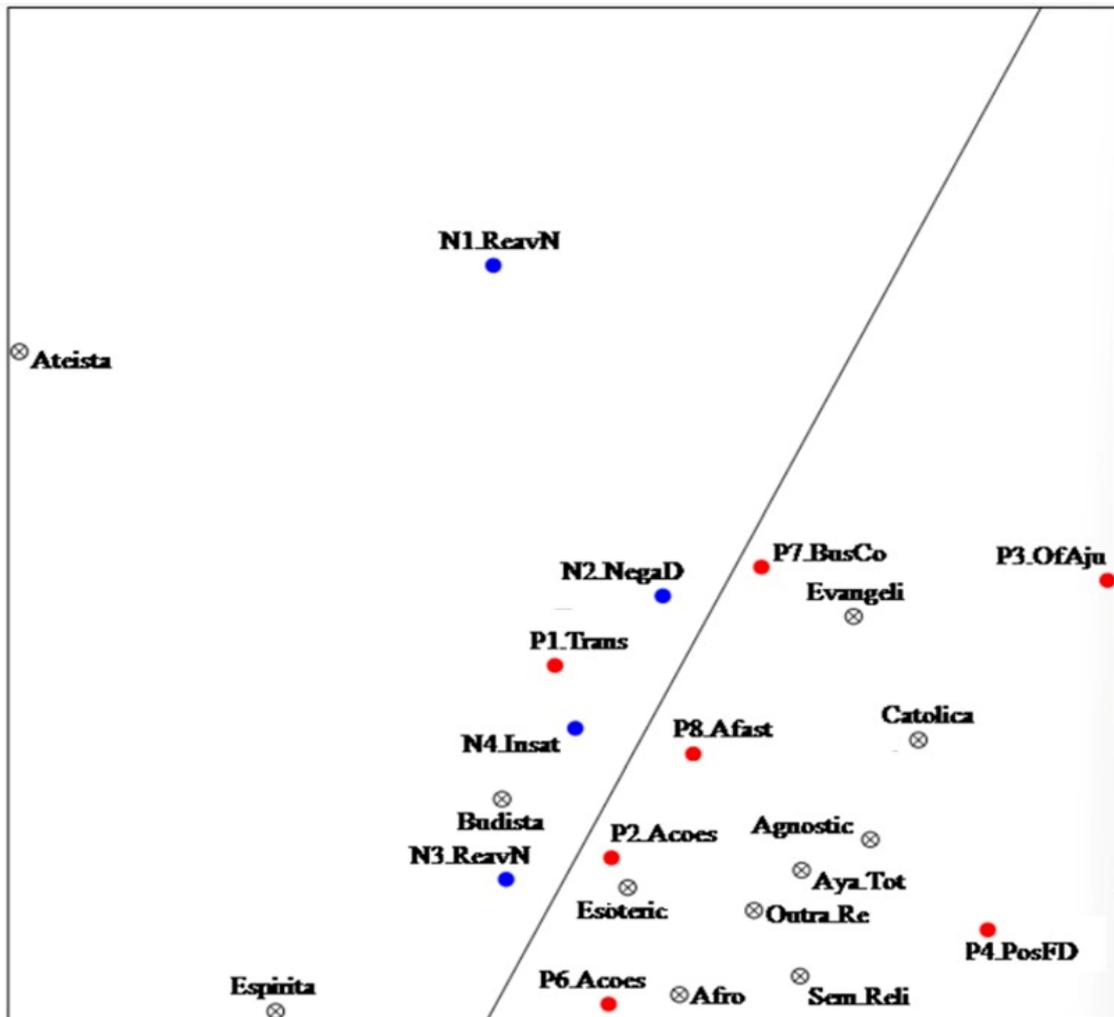


Figura 01. SSA (Coeficiente de Monotonicidade) dos fatores do Coping religioso/espiritual (CRE-Breve) dos 7 fatores positivos e dos 4 fatores negativos, tendo como variáveis externas 11 grupos religiosos Católica Evangélica, Espírita, Afro, Budista, Esotérica, Ayahuasqueira, Outra Religião, Agnóstica, Ateísta, Sem Religião (Projeção Bidimensional, Coeficiente de Alienação .10643)

Nesta projeção bidimensional da SSA, observa-se uma clara divisão axial que separa os fatores de coping religioso/espiritual positivos, localizados predominantemente à direita, dos fatores negativos, localizados à esquerda. Essa divisão sugere uma diferenciação nítida entre os mecanismos de coping mais adaptativos caracterizados pelos fatores positivos que refletem atitudes e comportamentos que promovem o crescimento espiritual, o suporte interpessoal, e uma visão positiva em relação à divindade e os menos adaptativos em termos de enfrentamento religioso/espiritual caracterizados pelos fatores negativos que indicam uma abordagem mais crítica em

relação ao suporte espiritual ou à divindade, potencialmente refletindo estresse, crise de fé ou insatisfação com instituições religiosas.

A disposição dos grupos religiosos computados como variáveis externas ao longo desta estrutura axial fornece insights importantes sobre como diferentes tradições religiosas ou a ausência delas se correlacionam com os estilos de coping religioso/espiritual.

No lado direito, na região dos fatores positivos, estão posicionados os grupos Católicos e Evangélicos, sugerindo uma forte inclinação para o uso de estratégias de coping adaptativas e de crescimento espiritual. Os grupos Agnósticos, Ayahuasqueira, Outras Religiões e Esotéricos estão situados na região intermediária direita, indicando uma tendência moderada para o uso de coping positivo, enquanto os grupos Sem Religião e Afro ocupam a parte inferior desta região, refletindo uma inclinação menos pronunciada, mas ainda positiva.

Por outro lado, no lado esquerdo, na região dos fatores negativos, estão os Ateístas, posicionados à extrema esquerda, afastados dos outros grupos, o que sugere uma tendência forte para fatores de coping negativos, possivelmente devido a uma visão mais crítica ou o obvio ausência de suporte religioso. Os grupos Budistas e Espíritas, por sua vez, estão posicionados próximos dos fatores N4 e N3, indicando que, embora estejam mais próximos dos fatores negativos, há nuances que sugerem uma abordagem menos convencional ou mais crítica do coping espiritual.

Os resultados do SSA demonstram que os estilos de coping religioso/espiritual estão fortemente influenciados pelas afiliações religiosas. Essas diferenças evidenciam que o contexto religioso não é apenas um pano de fundo cultural, mas desempenha um papel central na maneira como os indivíduos enfrentam adversidades. Portanto, intervenções que buscam melhorar o bem-estar psicológico devem considerar essas diferenças e adaptar-se ao contexto religioso específico de cada grupo. A distribuição dos grupos religiosos em relação aos fatores de coping sublinha a importância de uma abordagem contextualizada e sensível às nuances religiosas na psicologia do coping. A diversidade de experiências religiosas, como evidenciado pela clara separação dos grupos no espaço bidimensional, sugere que as estratégias de enfrentamento não são universais, mas variam de acordo com a orientação religiosa e o nível de engajamento espiritual dos indivíduos.

Discussão

Os resultados obtidos através da Escala de Coping Religioso/Espiritual Breve (CRE-Breve) fornecem insights importantes sobre as diversas formas como diferentes grupos religiosos e não religiosos enfrentam adversidades. A análise correlacional revelou diferenças significativas entre os perfis de coping adotados por esses grupos, destacando as distintas abordagens em relação ao sofrimento, ao suporte espiritual e ao significado atribuído às experiências de vida.

Os grupos religiosos tradicionais Católico e Evangélico demonstraram uma forte inclinação para o uso de estratégias de coping religioso/espiritual positivo. As correlações significativas observadas para esses grupos com fatores como "Transformação de Si" e "Busca de Crescimento Espiritual" indicam que esses indivíduos tendem a reconfigurar suas experiências negativas em termos espirituais, encontrando propósito e significado através de sua fé. Este achado corrobora a literatura, que sugere que o coping religioso/espiritual positivo, quando integrado às crenças e práticas cotidianas, oferece uma rede de suporte emocional e espiritual robusta (Pargament, 1997).

A presença de uma estrutura religiosa bem definida nesses grupos facilita o acesso a uma comunidade de apoio e a rituais consolidados, o que reforça a identidade religiosa e oferece caminhos claros para a superação de desafios. A confiança em dogmas e práticas estabelecidas permite que esses indivíduos utilizem a religião como uma âncora, ajudando-os a reorientar valores e a encontrar estabilidade emocional. Tais práticas são consistentes com a teoria de Pargament (1997), que destaca a função do coping religioso como uma forma de lidar com o estresse, proporcionando uma estrutura de sentido que é fundamental para a resiliência.

Em contraste, os grupos não religiosos agnósticos, ateus e sem religião apresentaram uma menor utilização de mecanismos tradicionais de coping religioso. As correlações negativas observadas com os fatores de coping positivo sugerem que esses indivíduos tendem a adotar uma postura mais racional e autônoma diante das adversidades, confiando mais em suas próprias capacidades e em redes de suporte seculares. Esse comportamento é alinhado com a literatura que indica que, embora a religião possa oferecer poderosos recursos de coping, a ausência dela não implica necessariamente em um déficit de resiliência, mas sim em uma abordagem diferente de construção de significado (Ano & Vasconcelles, 2005). A maior autonomia observada nesses grupos pode ser interpretada como uma forma de resiliência que não depende de estruturas religiosas, mas sim de uma rede de suporte diversificada e personalizada. Embora esses indivíduos possam não recorrer a narrativas religiosas para enfrentar

crises, eles desenvolvem outras formas de coping que podem ser igualmente eficazes, mas baseadas em valores e fontes de força seculares.

Os grupos que se identificam com outras religiões ou práticas espirituais, como Espíritas, Afro-Religiosos, Budistas, Ayahuasqueiros e Esotéricos, demonstraram um perfil de coping mais pluralista e diversificado. A ausência de correlações significativas em várias dimensões de coping sugere que esses indivíduos podem integrar diferentes fontes de suporte, que vão além das práticas religiosas convencionais. Essa diversidade de estratégias reflete uma abordagem não dogmática e aberta a múltiplas influências, permitindo uma maior adaptação às circunstâncias individuais. Este perfil flexível pode ser visto como uma expressão de liberdade em relação às normas religiosas tradicionais, o que permite a esses indivíduos uma maior adaptação às suas realidades e experiências pessoais. No entanto, essa mesma flexibilidade pode apresentar desafios na construção de um suporte espiritual ou comunitário consistente, o que pode ser mais facilmente encontrado em tradições religiosas organizadas. A literatura sobre o uso terapêutico de práticas como a ayahuasca, por exemplo, sugere que essas abordagens podem oferecer poderosos meios de coping, embora sejam menos institucionalizadas (Labate & Cavnar, 2014).

Conclusão

Os resultados deste estudo sublinham a complexidade e a diversidade das estratégias de coping religioso/espiritual entre diferentes grupos religiosos e não religiosos. A estrutura religiosa sólida e institucionalizada, como observado nos grupos Católico e Evangélico, oferece uma rede de suporte robusta que facilita o coping positivo e promove a resiliência. Em contrapartida, os grupos não religiosos adotam estratégias mais individualizadas, refletindo uma maior autonomia e uma construção de significado desvinculada de tradições religiosas estabelecidas.

Os grupos intermediários, por sua vez, demonstram uma abordagem mais pluralista e flexível, que, embora diversificada, pode enfrentar desafios em termos de coesão e suporte comunitário. Esses perfis distintos destacam a importância de considerar a orientação religiosa ao desenvolver intervenções psicológicas e pastorais, especialmente em contextos culturalmente diversos como o Brasil.

A projeção bidimensional do SSA reforça a importância de uma abordagem contextualizada na psicologia do coping, evidenciando que as estratégias de enfrentamento variam significativamente de acordo com a orientação religiosa e o nível de

engajamento espiritual dos indivíduos. Portanto, para promover o bem-estar psicológico e o equilíbrio emocional, é crucial reconhecer e valorizar essa diversidade de experiências e práticas religiosas. Para esse estudo, uma limitação percebida foi que a escala de Coping Religioso Espiritual (CRE), foca apenas nas estratégias religiosas, o que pode limitar a conclusão de outras estratégias utilizadas por grupos não religiosos.

Considerações Finais

Diante do que foi exposto, constata-se que há uma diversidade de temas que se interseccionam com aspectos sociocognitivos, especialmente no que tange à maneira como a orientação religiosa e o uso de psicodélicos influenciam e até medeiam alguns processos psicológicos. As relações entre o social, a saúde e o psicológico afetam-se mutuamente, promovendo mudanças significativas no meio em que vivemos. Assim, este trabalho buscou investigar as relações entre a orientação religiosa, o uso de substâncias psicoativas e as estratégias de coping adotadas por diferentes grupos.

Foi possível constatar que a orientação religiosa influencia significativamente o uso de substâncias psicoativas, assim como as estratégias de coping utilizadas por indivíduos religiosos e não religiosos. Este estudo evidenciou o papel da religião em aspectos morais, sociais e na tomada de decisões pessoais. A construção conceitual da religião, resgatada ao longo da pesquisa, permitiu compreender suas bases históricas e culturais, fundamentando o impacto deste fenômeno social em diversos aspectos da vida, inclusive nas escolhas relacionadas ao uso de substâncias psicoativas. Este trabalho focou especificamente na tomada de decisão sobre o uso dessas substâncias e nas estratégias de coping adotadas pelos diferentes grupos religiosos e não religiosos.

Os resultados confirmaram as hipóteses apresentadas, mostrando diferenças claras entre os grupos de orientação religiosa e espiritual. Por exemplo, grupos religiosos tradicionais, como católicos e evangélicos, tendem a evitar o uso de substâncias psicoativas, enquanto grupos de orientação religiosa mais flexível, como aqueles que utilizam substâncias em práticas rituais, demonstram maior permissividade em relação ao uso dessas substâncias. Já os indivíduos ateus e sem religião mostraram maior propensão ao uso de substâncias psicoativas.

Além disso, foram observadas diferenças significativas nas estratégias de coping utilizadas por cada grupo. Os grupos religiosos tradicionais tendem a utilizar estratégias de coping positivas, focadas em valores espirituais, enquanto os grupos com práticas religiosas mais intermediárias apresentam uma maior diversidade de estratégias, muitas vezes ligadas a rituais. Por outro lado, os grupos sem religião ou ateus tendem a adotar estratégias de coping mais individualistas e, muitas vezes, negativas.

Este estudo também abordou as práticas espirituais ayahuasqueiras, nas quais o uso ritualístico de substâncias psicoativas faz parte de um processo de enfrentamento de adversidades e busca de bem-estar espiritual. Essa prática demonstra uma abordagem terapêutica para o uso de psicoativos em certos contextos religiosos, ampliando a

compreensão sobre a interseção entre religião, cultura e substâncias psicoativas, um tema que permanece relativamente inexplorado na literatura acadêmica brasileira.

Além da interseção entre religião, cultura e substâncias psicoativas, destacam-se os indicadores de bem-estar e saúde envolvendo práticas religiosas e espirituais, incluindo aquelas que agregam o uso de substâncias psicoativas em suas ritualísticas, como por exemplo, grupos ayahuasqueiros e esotéricos. Esses indicadores apontam para a necessidade de uma abordagem mais abrangente e sensível em práticas de saúde coletiva e atenção básica. Visto que, muitas vezes, o preconceito e o estigma em relação ao uso de substâncias ainda permeiam no debate social sobre o tema, o que impacta na prestação de serviços na atenção básica à saúde e pode chegar a ser excludente com pessoas que utiliza dessas substâncias, inclusive com intuitos terapêuticos ou religiosos.

Apesar dos resultados promissores, o estudo apresenta algumas limitações que merecem ser consideradas. A natureza transversal da coleta de dados limita a análise de causalidade, impedindo conclusões mais profundas sobre a relação entre orientação religiosa, estratégias de coping e uso de substâncias psicoativas. Ademais, o viés de auto-relato inerente aos métodos de coleta pode distorcer os dados, já que os participantes podem ter evitado revelar certos comportamentos por questões de vergonha ou de desejo de se conformar às normas sociais.

Outro desafio deste estudo foi lidar com o estigma social que cerca tanto o uso de substâncias psicoativas quanto o estudo da religião. Muitas tradições religiosas condenam o uso de drogas, e o estigma associado ao consumo dessas substâncias torna a coleta de dados uma tarefa difícil. Muitas pessoas evitam revelar o uso de substâncias, especialmente quando pertencem a grupos religiosos tradicionais. Além disso, a própria concepção de "droga" está carregada de preconceitos, o que influencia a maneira como as pessoas respondem às pesquisas.

É importante ressaltar que o estudo revelou como o uso de substâncias psicoativas em contextos religiosos pode desafiar as percepções tradicionais e preconceituosas sobre drogas. Em alguns contextos espirituais, como o das religiões ayahuasqueiras, o uso de psicoativos é considerado parte de um processo ritualístico e terapêutico, o que demanda uma abordagem mais sensível e nuançada na análise e nas intervenções.

A análise dos resultados também reflete discussões clássicas sobre o papel da religião na formação de comportamentos sociais. Autores como Durkheim (2003) argumentam que a religião funciona como um mecanismo de controle social, promovendo coesão e moldando comportamentos, o que foi comprovado na forma como as religiões

tradicionais influenciam decisões relacionadas ao uso de substâncias psicoativas. Mais recentemente, autores como Pargament (1997) sugerem que o coping religioso não apenas ajuda os indivíduos a enfrentarem crises, mas também promove a resiliência e o bem-estar.

No contexto brasileiro, o estudo de Barbosa e Assis, Labate e Goulart (2019) fornece uma base rica para compreender as nuances culturais e religiosas que moldam as atitudes em relação ao uso de substâncias. Esse estudo mostra que o estigma em torno das substâncias psicoativas tem raízes profundas, vinculadas à colonização e à imposição de uma moralidade cristã eurocêntrica, que criminalizou práticas espirituais indígenas e africanas que envolviam o uso de substâncias psicoativas.

A pesquisa abre uma série de oportunidades para futuras investigações. Primeiramente, há uma necessidade de explorar mais profundamente as variações dentro de um mesmo grupo religioso em relação ao uso de substâncias psicoativas. Além disso, o impacto das políticas públicas de drogas sobre as percepções do uso dessas substâncias em contextos religiosos deve ser analisado, especialmente considerando o crescente interesse nas aplicações terapêuticas dos psicodélicos.

Outro ponto que merece atenção é o papel das novas mídias na disseminação de informações sobre drogas e espiritualidade. As redes sociais têm se tornado uma plataforma relevante para a disseminação de práticas espirituais alternativas, incluindo o uso de substâncias psicoativas. Estudar como esses novos meios de comunicação estão moldando as percepções sociais sobre o uso dessas substâncias será fundamental para complementar as pesquisas futuras.

Por fim, este estudo contribui para o entendimento das relações entre religião, espiritualidade e o uso de substâncias psicoativas, mostrando como diferentes orientações religiosas influenciam tanto as decisões relacionadas ao uso de substâncias quanto as estratégias de enfrentamento em momentos de crise. No entanto, ainda há muito a ser explorado. Estudos futuros que incluam amostras mais diversas e métodos longitudinais poderão oferecer uma compreensão mais clara e abrangente das complexas interações entre religião, cultura e saúde mental. As conexões entre os dois estudos apresentados nesta dissertação evidenciam que as crenças e práticas religiosas são fundamentais para entender os comportamentos de risco e as respostas ao estresse, tornando este campo de pesquisa promissor para intervenções em saúde mental e espiritualidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Carla Maria; DE AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier. Cultura material como documento: as informações constantes nos artefatos religiosos da jurema. **Informação & Informação**, v. 26, n. 2, p. 26-51, 2021.
- ALVES JÚNIOR, G. F. Exu não bebeu nada, a garrafa está furada: um estudo da relação entre umbanda e o uso ritual de álcool no centro religioso São Jorge Guerreiro em Rio Tinto-PB. 2016. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/3792>. Acesso em: 11 set. 2024.
- ANDRADE, Roney. A CRÍTICA NEOATEÍSTA À INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA POLÍTICA NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 9, n. 2, p. 37-63, 2020.
- ANO, Gene G.; VASCONCELLES, Erin B. Religious coping and psychological adjustment to stress: A meta-analysis. **Journal of clinical psychology**, v. 61, n. 4, p. 461-480, 2005. <https://doi.org/10.1002/jclp.20049>
- ASSIS, Glauber Loures. LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lúcia. O uso de plantas Psicoativas nas Américas. Rio de Janeiro: Gramma/NEIP, 2019. **Revista Mundaú**, n. 7, p. 177-185, 2019. <https://doi.org/10.28998/rm.2019.n.7.9822>
- ATKINS JR, Randolph G.; HAWDON, James E. Religiosity and participation in mutual-aid support groups for addiction. **Journal of Substance Abuse Treatment**, v. 33, n. 3, p. 321-331, 2007.
- BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco; MORAES, Daniel. Discriminação contra minorias sexuais, religião e o constitucionalismo brasileiro pós-88. **Revista General de Derecho Constitucional**, v. 10, p. 409-431, 2010.
- BARBOSA, Diego Jacinto; GOMES, Antonio Marcos Tosoli; GOMES, Marcia Pereira. Validação dos elementos centrais da representação social das drogas psicoativas para os católicos. **Psicologia e Saber Social**, v. 9, n. 1, p. 35-54, 2020.
- BARBOSA, Diogo Jacintho et al. Explorando os véus da consciência: uma reflexão sobre Drogas Psicoativas e a busca Espiritual. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 14, n. Especial, p. 10-14, 2023.
- BARROS, V. E. N. et al. Da casa de rezas à Congregação Cristã no Brasil: o pentecostalismo guarani na Terra Indígena Laranjinha/PR. 2003.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.
- BESERRA, Fernando; RODRIGUES, Sandro. **Psicodélicos no Brasil: ciência e saúde coleção psicodélicos no Brasil-volume 01**. Editora CRV, 2021.
- BLOCK, Ned. On a confusion about a function of consciousness. **Behavioral and brain sciences**, v. 18, n. 2, p. 227-247, 1995.

- BRASIL. Ministério da Justiça e Cidadania. *O uso de substâncias psicoativas no Brasil: módulo 1*. 11. ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Droga, 2017.
- BROWN, EDWARD M. The religious problematic of the Juvenile addict. In: **Drugs and Youth: the Challenge of Today**. Pergamon, 1973. p. 222-234.
- BRUHN, Jan G. et al. Mescaline use for 5700 years. **The Lancet**, v. 359, n. 9320, p. 1866, 2002.
- CABRAL, Jonatas Steigleder et al. Sincretismo religioso: uma pesquisa sobre as origens das influências religiosas e culturais que deram origem ao cristianismo no Brasil. **Revista Cognitiono**, v. 5, n. 1, p. 2-25, 2023.
- CAMPOS, M. T. F. Influência da espiritualidade e religiosidade no abuso de álcool e drogas: revisão integrativa. **Revista de Enfermagem da USP**, v. 53, n. 4, p. 123-136, 2020.
- CAMPOS, Marco Túlio França; RODRIGUES, Jéssica Peixoto. Influência da espiritualidade e religiosidade no abuso de álcool e drogas: revisão integrativa. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**, v. 18, n. 2, p. 106-116, 2022.
- CARHART-HARRIS, Robin L. et al. The paradoxical psychological effects of lysergic acid diethylamide (LSD). **Psychological medicine**, v. 46, n. 7, p. 1379-1390, 2016. Recuperado de doi: 10.1017/ S0033291715002901
- CARNEIRO, H. Os psicodélicos ou enteógenos e a importância cultural das alucinações. **Platô**, v5, n5. Edição psicodélicos. Platô. Drogas & Política, 2021.
- CAROD-ARTAL, Francisco Javier. Hallucinogenic drugs in pre-Columbian Mesoamerican cultures. **Neurología (English Edition)**, v. 30, n. 1, p. 42-49, 2015.
- CAZENAVE, Silvia OS. Banisteriopsis caap: acao alucinogena e uso ritual. **Rev. psiquiatr. clín.(São Paulo)**, p. 32-5, 2000.
- CHEN, Serena; DUCKWORTH, Kimberly; CHAIKEN, Shelly. Motivated heuristic and systematic processing. **Psychological Inquiry**, v. 10, n. 1, p. 44-49, 1999. https://doi.org/10.1207/s15327965pli1001_6
- CHITWOOD, Dale D.; WEISS, Michael L.; LEUKEFELD, Carl G. A systematic review of recent literature on religiosity and substance use. **Journal of Drug Issues**, v. 38, n. 3, p. 653-688, 2008. <https://doi.org/10.1177/002204260803800302>. Acesso em: 11 set. 2024.
- CHITWOOD, Dale D.; WEISS, Michael L.; LEUKEFELD, Carl G. A systematic review of recent literature on religiosity and substance use. **Journal of Drug Issues**, v. 38, n. 3, p. 653-688, 2008.
- CHROST, M.; CHROST, S. Spirituality and the use of psychoactive substances: the perspective of Polish students. **Journal of Religion and Health**, v. 62, p. 1032-1049, 2023. <https://doi.org/10.1007/s10943-023-01748-0>. Acesso em: 11 set. 2024.

- Costa, D. T., Silva, D. M. R., Cavalcanti, I. D. L., Gomes, E. T., Vasconcelos, J. L. A., & Carvalho, M. V. G. Religious/spiritual coping and level of hope in patients with cancer in chemotherapy. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.72, p. 640-645, 2019. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0358>
- CROCKETT, Molly J. et al. Impulsive choice and altruistic punishment are correlated and increase in tandem with serotonin depletion. **Emotion**, v. 10, n. 6, p. 855, 2010.
- DA COSTA, J. A. C.; JÚNIOR, O. P. L. Drogas e religiosidade: contribuições para o debate acerca da interface ciência-religião. 2017.
- DA COSTA, Janaina Alexandra Capistrano. Uso de substâncias psicoativas e controle social do uso do álcool: Mestres Beberões na Casa de Jurema Mestre Carlos–RN. **Revista TOMO**, n. 39, p. 153-153, 2021.
- DALGALARRONDO, P., SOLDERA, M.A., CORREA FILHO, H.R., SILVA, C.A.M. Religião e uso de drogas por adolescentes. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 26, p. 82-90, 2004.
- DAVEY, G.; WALDSTEIN, A.; ZHAO, X. God forbid! Rethinking substance use, religion, and spirituality. **Addiction Research & Theory**, v. 30, n. 5, p. 311-313, 2022. <https://doi.org/10.1080/16066359.2022.2081840>. Acesso em: 11 set. 2024.
- DAVIS, Alan K. et al. Effects of psilocybin-assisted therapy on major depressive disorder: a randomized clinical trial. **JAMA psychiatry**, v. 78, n. 5, p. 481-489, 2021.
- DAVISON, Sara N.; JHANGRI, Gian S. Existential and supportive care needs among patients with chronic kidney disease. **Journal of pain and symptom management**, v. 40, n. 6, p. 838-843, 2010.
- DE ALMEIDA, C. M.; DE AZEVEDO NETTO, C. X. Cultura material como documento: as informações constantes nos artefatos religiosos da jurema. **Informação & Informação**, v. 26, n. 2, p. 26-51, 2021. <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2021v26n2p26>. Acesso em: 11 set. 2024.
- DE ARRUDA CAMARGO, M. T. L. Plantas rituais de religiões de influência africana no Brasil e sua ação farmacológica. **Dominguezia**, v. 15, n. 1, p. 21-26, 1999.
- DE LIMA, V. M. et al. O vinho do homem morto: indígenas e cientistas em reportagens sobre a ayahuasca na primeira metade do século XX. **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 16, n. 1, p. 217-234, 2023.
- DIAS, M. L. V. Religiosidade e comportamento desviante na adolescência: dados de um estudo empírico. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 45, n. 1, p. 5-23, 2011. DOI: 10.14195/1647-8614_45-1_1.
- DO NASCIMENTO, Alexsandro Medeiros et al. AUTOCONSCIÊNCIA, COPING E ESPIRITUALIDADE: SENTIDOS E VIVÊNCIAS DE SOFRIMENTO EM TEMPO DE PANDEMIA COVID-19-PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA COGNITIVA. **Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação**, v. 15, n. 1, jan-jun, p. 330-375, 2022.

- DO NASCIMENTO, Alexsandro Medeiros et al. AYAHUASCA, MANDALAS E ESTRUTURA DE VISUALIZAÇÕES-UMA LEITURA COGNITIVA ESTRUTURAL. **Educamazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente**, v. 24, n. 1, jan-jun, p. 346-367, 2020.
- DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DUVAL, Shelley; WICKLUND, Robert A. A theory of objective self awareness. 1972.
- ESCOBAR, José Arturo Costa. Mediação da auto-ruminação em aspectos relacionados à saúde mental: uma perspectiva multidimensional. **Revista Inter-Legere**, n. 15, p. 61-86, 2014.
- ESCOBAR, José Arturo Costa; ROAZZI, A. Novas perspectivas da pesquisa psicodélica-ayahuasca em Questão. Retrieved. <http://www.redepsi.com.br/2011/03/11/novas-perspectivas-da-pesquisa-psicod-lica-ayahuasca-emquest-o> , 2011.
- ESCOBAR, José Arturo Costa; ROAZZI, Antonio. Panorama contemporâneo do uso terapêutico de substâncias psicodélicas: ayahuasca e psilocibina. **Neurobiologia**, v. 73, n. 3, p. 159-172, 2010.
- FÁBREGAS, Josep Maria et al. Assessment of addiction severity among ritual users of ayahuasca. **Drug and alcohol dependence**, v. 111, n. 3, p. 257-261, 2010.
- FALWELL, J. *Listen, America!*. Garden City, New Jersey: Doubleday and Company, Inc., 1980.
- FARIA, Juliana Bernardes de; SEIDL, Eliane Maria Fleury. Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença: revisão da literatura. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 18, p. 381-389, 2005.
- FIGUEIREDO, Nestor. Sobre a definição de religião: historiografia, críticas e possibilidades. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 19, n. 2, p. 271-294, 2019.
- FLAVELL, John H. Metacognition and cognitive monitoring: A new area of cognitive-developmental inquiry. **American psychologist**, v. 34, n. 10, p. 906, 1979. <http://doi:10.1037/0003-066x.34.10.906>
- FOCH, Gisele Fernandes de Lima; SILVA, Andressa Melina Becker; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Coping religioso/espiritual: uma revisão sistemática de literatura (2003-2013). **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 69, n. 2, p. 53-71, 2017.
- FOLKMAN, Susan; LAZARUS, Richard S. An analysis of coping in a middle-aged community sample. **Journal of health and social behavior**, p. 219-239, 1980.
- FRANCO, G. P. As religiões de matriz africana no Brasil: luta, resistência e sobrevivência. **Sacrilegens**, v. 18, n. 1, p. 30-46, 2021.

- FRANQUESA, Alba et al. Psychological variables implied in the therapeutic effect of ayahuasca: A contextual approach. **Psychiatry research**, v. 264, p. 334-339, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.04.012>
- GARDNER, Howard E. **Intelligence reframed: Multiple intelligences for the 21st century**. Hachette Uk, 2000.
- GASSER, Peter; KIRCHNER, Katharina; PASSIE, Torsten. LSD-assisted psychotherapy for anxiety associated with a life-threatening disease: a qualitative study of acute and sustained subjective effects. **Journal of psychopharmacology**, v. 29, n. 1, p. 57-68, 2015. 10.1177/0269881114555249
- GAUDIOSO, T. K.; SOARES, A. L. R. Entre o Butsudan e a missa: práticas religiosas de imigrantes japoneses no Rio Grande do Sul, Brasil. **Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM**, n. 20, 2010. <https://doi.org/10.4000/alhim.3667>. Acesso em: 11 set. 2024.
- GHERMAN, M. *O início do sionismo no Brasil: ambiguidades da história*. São Paulo: Editora Unifesp, 2021.
- GOMES, B. R. O uso de ibogaína no tratamento de dependência – uma subcultura de tratamento de origem psiconáutica. **Psicodélicos no Brasil: ciência e saúde**, 2021.
- GORSUCH, Richard L. Religious aspects of substance abuse and recovery. **Journal of social issues**, v. 51, n. 2, p. 65-83, 1995.
- GRANJEIRO, A. L.; ALMEIDA, P. A. de. A espiritualidade/religiosidade como fator de proteção contra o uso de substâncias psicoativas na adolescência. **Debates em Psiquiatria**, v. 7, n. 4, p. 21-25, 2017. <https://revistardp.org.br/revista/article/view/85>. Acesso em: 11 set. 2024.
- GRANT, Anthony M. Rethinking psychological mindedness: Metacognition, self-reflection, and insight. **Behaviour Change**, v. 18, n. 1, p. 8-17, 2001.
- GRIFFITHS, Roland R. et al. Psilocybin can occasion mystical-type experiences having substantial and sustained personal meaning and spiritual significance. **Psychopharmacology**, v. 187, p. 268-283, 2006.
- GRIFFITHS, Roland R. et al. Psilocybin produces substantial and sustained decreases in depression and anxiety in patients with life-threatening cancer: A randomized double-blind trial. **Journal of psychopharmacology**, v. 30, n. 12, p. 1181-1197, 2016.
- GROB, Charles S. et al. Pilot study of psilocybin treatment for anxiety in patients with advanced-stage cancer. **Archives of general psychiatry**, v. 68, n. 1, p. 71-78, 2011..
- GROB, Charles S. The use of psilocybin in patients with advanced cancer and existential anxiety. **Psychedelic medicine: New evidence for hallucinogenic substances as treatments**, v. 1, p. 205-216, 2007.
- HAFNER-BURTON, Emilie M.; HUGHES, D. Alex; VICTOR, David G. The cognitive revolution and the political psychology of elite decision making. **Perspectives on Politics**, v. 11, n. 2, p. 368-386, 2013.

- HALEY, C.; DAVIS, C. The Cultural Logic of Evangelical Christianity. In: ROBBINS, Jeffrey W.; MAGEE, Neal. *The Sleeping Giant has Awoken: The New Politics of Religion in the United States*. New York: Continuum, 2008.
- HALPERN, John H. SHERWOOD, A. R., PASSIE, T., BLACKWELL, K. C., RUTTENBER, A. J. Evidence of health and safety in American members of a religion who use a hallucinogenic sacrament. **Medical Science Monitor**, v. 14, n. 8, p. 22, 2008.
- JAHN, G. M.; DELL'AGLIO, D. D. A religiosidade em adolescentes brasileiros. *Revista Psicologia IMED*, v. 9, n. 1, p. 38-54, 2017. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i1.1541>. Acesso em: 11 set. 2024.
- JÚNIOR, Eumar Evangelista de Menezes; ALVARENGA, Marcos Vinicius Borges; FERREIRA, Rildo Mourão. A influência da religião na esfera política: protestantismo e liberdade religiosa. **Estudos de religião**, v. 32, n. 2, p. 51-68, 2018.
- JÚNIOR, Ubirajara Ferreira. *Representações sociais da planta cannabis na religião do Santo Daime: entre a sagrada Santa Maria e a proibida Maconha*. 2018. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- KAASIK, Helle et al. Chemical composition of traditional and analog ayahuasca. **Journal of Psychoactive Drugs**, v. 53, n. 1, p. 65-75, 2021.
- KAASIK, Helle. **Sacred medicine from the forest: chemical, psychological and spiritual aspects of ayahuasca**. 2022. Tese de Doutorado. Ph. D. dissertation (University of Tartu). <http://hdl.handle.net/10062/83274>. Acesso em: 11 set. 2024.
- KOENIG, Harold G.; GEORGE, Linda K.; PETERSON, Bercedis L. Religiosity and remission of depression in medically ill older patients. **American Journal of Psychiatry**, v. 155, n. 4, p. 536-542, 1998.
- LABATE, Beatriz Caiuby et al. (Ed.). *The therapeutic use of ayahuasca*. 2014. <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-642-40426-9>
- LAMAS, Rita Suriani. A formação das religiões afro-brasileiras: A interferência do sincretismo religioso. **Sacrilogens**, v. 16, n. 1, p. 222-232, 2019. <https://doi.org/10.34019/2237-6151.2019.v16.28835>
- LIMA, Ricardo Costa. **Religiosidade e Comportamentos de Risco na Adolescência**. 2022. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho (Portugal).
- LYONS, Taylor; CARHART-HARRIS, Robin L. Increased nature relatedness and decreased authoritarian political views after psilocybin for treatment-resistant depression. **Journal of Psychopharmacology**, v. 32, n. 7, p. 811-819, 2018.
- MABIT, Jacques. Blending traditions: Using indigenous medicinal knowledge to treat drug addiction. **Maps Bulletin**, v. 12, n. 2, p. 25-32, 2002.
- MALHEIRO, Luana. Velhas plantas e novas modalidades no circuito etnogênico: um estudo sobre o uso contemporâneo de enteógenos¹. **Porto Seguro: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Grupo de trabalho Substâncias Psicoativas: Cultura e Política**, 2008.

- MANN, Leon et al. Cross-cultural differences in self-reported decision-making style and confidence. **International journal of psychology**, v. 33, n. 5, p. 325-335, 1998.
- MARMONTEL, Pedro Quartiero. Mecanismos de ação dos psicodélicos serotoninérgicos clássicos e os circuitos cerebrais envolvidos. 2020.
- MELLAGI, Andre Gonçalves. **O enfrentamento religioso em pacientes portadores de HIV/AIDS: um estudo psicossocial entre homens católicos e evangélicos**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- MERCANTE, Marcelo S. Ayahuasca, dependência química e alcoolismo. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 5, 2009.
- MIGUÉIS, Maria Vieira Neves de Lemos. **Efeitos Terapêuticos da Ayahuasca em Indivíduos Com Sintomas de Ansiedade**. 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa (Portugal).
- MILLER, L.; DAVIES, M.; GREENWALD, S. Religiosity and substance use and abuse among adolescents in the National Comorbidity Survey. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 39, p. 1190-1197, 2000.
- MILLER, William R.; THORESEN, Carl E. Spirituality, religion, and health: An emerging research field. **American psychologist**, v. 58, n. 1, p. 24, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Qualidade de vida e saúde como valor existencial. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 1868-1868, 2013.
- MOIZINHO, Claudia Varella et al. O uso de microdosagem de psilocibina no tratamento de transtornos mentais. **Unisanta BioScience**, v. 13, n. 1, p. 72-84, 2024.
- MORAES, Josiane Cristina de. A alteração de pensamentos e comportamentos influenciados pela religião. 2019.
- NASCIMENTO, Lucila Castanheira et al. Atenção às necessidades espirituais na prática clínica de enfermeiros. **Aquichan**, v. 16, n. 2, p. 179-192, 2016.
- NICHOLS, David E. Psychedelics. **Pharmacological reviews**, v. 68, n. 2, p. 264-355, 2016.
- NIPP, Ryan D. et al. The relationship between coping strategies, quality of life, and mood in patients with incurable cancer. **Cancer**, v. 122, n. 13, p. 2110-2116, 2016. <https://doi.org/10.1002/cncr.30025>
- NOGUEIRA, Gabriella Ribeiro Vaz. *Guerra contra as drogas: os efeitos do proibicionismo e a construção do criminoso*. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais) – Centro Universitário de Brasília, 2020.
- NOGUEIRA, Léo Carrer. A chegada do espiritismo no Brasil e sua influência nos rituais afro-brasileiros – A ascensão do "Baixo Espiritismo" (1900-1950). **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**, v. 6, p. 68-82, 2017.

- NOUR, Matthew M.; EVANS, Lisa; CARHART-HARRIS, Robin L. Psychedelics, personality and political perspectives. **Journal of psychoactive drugs**, v. 49, n. 3, p. 182-191, 2017.
- OLIVEIRA, Lucas Lopes; SILVA, Luciano Nascimento. Deslegitimação da criminalização da maconha a partir da criminologia cultural. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 4, p. 88-99, 2020.
- OLIVEIRA, Márcia Regina de; JUNGES, José Roque. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 17, p. 469-476, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300016>
- PANITZ, Gabriel de Oliveira et al. Instrumentos de abordagem da espiritualidade na prática clínica. **Acta méd.(Porto Alegre)**, p. 37-45, 2018.
- PANZINI, Raquel Gehrke et al. Validação brasileira do Instrumento de Qualidade de Vida/espiritualidade, religião e crenças pessoais. **Revista de saúde pública**, v. 45, p. 153-165, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102011000100018>
- PANZINI, Raquel Gehrke; BANDEIRA, Denise Ruschel. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 34, p. 126-135, 2007.
- PANZINI, Raquel Gehrke; BANDEIRA, Denise Ruschel. Spiritual/religious coping scale (SRCOPE Scale): elaboration and construct validation. **Psicologia em Estudo**, v. 10, p. 507-516, 2005. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000300019>.
- PARGAMENT, Kenneth I. The psychology of religion and spirituality? Yes and no. **The international journal for the psychology of religion**, v. 9, n. 1, p. 3-16, 1999.
- PARGAMENT, Kenneth I.; KOENIG, Harold G.; PEREZ, Lisa M. The many methods of religious coping: Development and initial validation of the RCOPE. **Journal of clinical psychology**, v. 56, n. 4, p. 519-543, 2000. <http://www.jpsych.com/pdfs/Pargament,%20Koenig%20&%20Perez,%202000.pdf>
- PARGAMENT, Kenneth I. **The psychology of religion and coping: Theory, research, practice**. New York: Guilford Press. 1997.
- PEREIRA JÚNIOR, Francisco Santos. **Ayahuasca, Autoconsciência e Bem-Estar Psicológico: Um Estudo Sobre a (In) Congruência Religiosa**. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
- PETTIGREW, Jack. Iconography in Bradshaw rock art: breaking the circularity. **Clinical and Experimental Optometry**, v. 94, n. 5, p. 403-417, 2011.
- PIFF, Paul K. et al. Awe, the small self, and prosocial behavior. **Journal of personality and social psychology**, v. 108, n. 6, p. 883, 2015.
- PIMENTEL, Emanuel Cesar; DA ROSA, Cleci Teresinha Werner. Evidências do conhecimento metacognitivo na tomada de decisão por ser professor de física. **Perspectiva**, v. 39, n. 3, p. 1-23, 2021.

- PULLEN; WEST; MUENCHEN. Spiritual high vs high on spirits: is religiosity related to adolescent alcohol and drug abuse?. **Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing**, v. 6, n. 1, p. 3-8, 1999.
- ROCHA, Andréa Pires; LIMA, Rita de Cássia Cavalcante; FERRUGEM, Daniela. Autoritarismo e guerra às drogas: violência do racismo estrutural e religioso. **Revista Katálysis**, v. 24, p. 157-167, 2021.
- RODRIGUES, Francisco Maria de Sousa. **Religiosidade intrínseca e extrínseca: Implicações no bem-estar psicológico de adultos seniores**. 2010. Dissertação de Mestrado.
- RUCK, Carl A. et al. Entheogens. **Journal of psychedelic drugs**, v. 11, n. 1-2, p. 145-146, 1979.
- RUDD, M.; VOHS, K. D.; AAKER, J. Awe enhances well-being, expands time perception, and alters decision making. **Psychological Science**, v. 23, n. 10, p. 1130-1136, 2012.
- SANCHEZ, Zila van der Meer; NAPPO, Solange Aparecida. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 34, p. 73-81, 2007.
- SANTOS, RG dos et al. Effects of ayahuasca on psychometric measures of anxiety, panic-like and hopelessness in Santo Daime members. **Journal of ethnopharmacology**, v. 112, n. 3, p. 507-513, 2007.
- SAVOLDI, Robson. Ayahuasca e self: relações entre autoconsciência, misticismo e dissolução do eu. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49299>
- SCHULTES, Richard Evans; HOFMANN, Albert. **Plants of the gods: origins of hallucinogenic use**. New York: McGraw-Hill, 1979.
- SHANON, Benny. Moments of insight, healing, and transformation: A cognitive phenomenological analysis. **The therapeutic use of ayahuasca**, p. 59-75, 2014.
- SHANON, Benny. Os conteúdos das visões da ayahuasca. **Mana**, v. 9, p. 109-152, 2003.
- SHANON, Benny. **The antipodes of the mind: Charting the phenomenology of the ayahuasca experience**. Oxford University Press on Demand, 2002.
- SHEA, Nicholas; FRITH, Chris D. The global workspace needs metacognition. **Trends in cognitive sciences**, v. 23, n. 7, p. 560-571, 2019.
- SIEBRA, Sabrina Mércia dos Santos et al. Prevalência do consumo de substâncias psicoativas entre estudantes de medicina no interior do Nordeste brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, p. e222, 2021. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.4-20210362>
- SILVA, Luis Gustavo Teixeira da. Religião e política no Brasil. **Latinoamérica. Revista de Estudios Latinoamericanos**, n. 64, p. 223-256, 2017.

- SOUZA, Marina Batista de. *Ayahuasca Professora: Cartografia dos Processos de Subjetivação dos Ayahuasqueiros*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, 2023. <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/tede/4972>. Acesso em: 11 set. 2024.
- STORY, Giles W. et al. Social redistribution of pain and money. **Scientific reports**, v. 5, n. 1, p. 15389, 2015.
- TUGUIMOTO, J. K. et al. A contribuição da espiritualidade e da religiosidade na prevenção e no tratamento da dependência química. **Estudos Universitários, Revista de Cultura da UFPE**, v. 28, n. 9, p. 33-52, 2011. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/estudosuniversitarios/article/view/256219>. Acesso em: 11 set. 2024.
- TUPPER, Kenneth W. Enteogenos e inteligência existencial: plantas mestres como instrumentos cognitivos. **Periferia**, v. 3, n. 2, 2011.
- UENO, T. M. R. L. et al. Ayahuasca and research related to the religious context: integrative review. **Research Society and Development**, v. 11, n. 17, p. e18111738784, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i17.38784. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/38784>. Acesso em: 5 set. 2024.
- VALCANTI, Carolina Costa et al. Coping religioso/espiritual em pessoas com doença renal crônica em tratamento hemodialítico. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, p. 838-845, 2012. . <https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000400008>
- VAN DER MEER SANCHEZ, Z.; DE OLIVEIRA, L. G.; NAPPO, S. A. Religiosity as a protective factor against the use of drugs. **Substance Use & Misuse**, v. 43, n. 10, p. 1476-1486, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1080/10826080802183288>.
- VARELLA, Alexandre C. Os psicodélicos nas formações estatais indígenas. **Revista Ingesta**, São Paulo, v1, n1, p. 211, 2019.
- VITORINO, Luciano Magalhães; VIANNA, Lucila Amaral Carneiro. Coping religioso/espiritual de idosos institucionalizados. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, p. 136-142, 2012.
- WASSON, R. Gordon. The soma of the Rig Veda: what was it?. **Journal of the American Oriental Society**, p. 169-187, 1971. <https://doi.org/10.2307/600096>.
- WASSON, R. Gordon; HOFMANN, Albert; RUCK, Carl AP. **The road to Eleusis: Unveiling the secret of the mysteries**. North Atlantic Books, 2008.
- WATTS, Rosalind et al. Patients' accounts of increased "connectedness" and "acceptance" after psilocybin for treatment-resistant depression. **Journal of humanistic psychology**, v. 57, n. 5, p. 520-564, 2017. <https://doi.org/10.1177/0022167817709585>
- WEINANDY, Jennifer T. Grant; GRUBBS, Joshua B. Religious and spiritual beliefs and attitudes towards addiction and addiction treatment: A scoping review. **Addictive Behaviors Reports**, v. 14, p. 100393, 2021.. <https://doi.org/10.1016/j.abrep.2021.100393>.

WIEDENHOFT, Jessica Pastoriza; MACHADO, Laura Morais. COPING RELIGIOSO COMO ESTRATEGIA DE ENFRENTAMENTO EM SITUAÇÕES ESTRESSORAS. *Anais do (Inter) Faces*, v. 1, n. 1, 2020. <https://www.ulbracds.com.br/index.php/interfaces/article/view/2956/330>

APÊNDICE A – TESTE DE TRIAGEM DO ENVOLVIMENTO COM ÁLCOOL, CIGARRO E OUTRAS SUBSTÂNCIAS (ASSIST) (ADAPTADO)

Teste de triagem do envolvimento com álcool, cigarro e outras substâncias (ASSIST) (HENRIQUE et al., 2004). – O questionário inclui oito perguntas sobre o uso de diferentes substâncias psicoativas (tabaco, álcool, maconha, cocaína, estimulantes, sedativos, inalantes, alucinógenos, e opiáceos), para esse questionário, foi utilizada apenas uma das oito perguntas do ASSIST, que foi a questão sobre frequência de uso das substâncias, adaptada pela pesquisadora. As outras questões tratam sobre problemas relacionados ao uso, prejuízo na realização de tarefas, sentimento de compulsão, entre outros.

ATUALMENTE, Considere a frequência de uso das substâncias abaixo. Considere a escala abaixo:

0-Nunca

1-Raramente

2-Mensalmente

3-Quinzenalmente

4-Semanalmente

5-Diariamente

	0	1	2	3	4	5
Produtos do tabaco (cigarro, charuto, cachimbo, fumo de corda)						
Bebidas alcóolicas (cerveja, vinho, champagne, licor, pinga uísque, vodca, vermouthes, caninha, rum tequila, gin)						
Maconha (baseado, erva, liamba, diamba, birra, fuminho, fumo, mato, bagulho, pango, manga-rosa, massa, haxixe, skank, etc)						
Cocaína, crack (coca, pó, branquinha, nuvem, farinha, neve, pedra, caximbo, brilho)						
Estimulantes como anfetaminas (bolinhas, rebites, bifetamina, moderine, MDMA)						
Inalantes (solventes, cola de sapateiro, tinta, esmalte, corretivo, verniz, tinner, clorofórmio, tolueno, gasolina, éter, lança perfume, cheirinho da loló)						

Hipnóticos, sedativos (ansiolíticos, tranquilizantes, barbitúricos, fenobarbital, pentobarbital, benzodiazepínicos, diazepam)						
Opiáceos (morfina, codeína, ópio, heroína elixir, metadona)						
LSD/Doce						
Ayahuasca						
Jurema						
Changa/DMT (fumado)						
Cogumelos/Psilocibina						
MDMA/Ecstasy/Bala						

APÊNDICE B – ESCALA DE COPING RELIGIOSO/ESPIRITUAL ABREVIADA (CRE-BREVE)

Estamos interessados em saber se e o quanto você utiliza a religião e a espiritualidade para lidar com o estresse em sua vida. O estresse acontece quando você percebe que determinada situação é difícil ou problemática, porque vai além do que você julga poder suportar, ameaçando seu bem-estar. A situação pode envolver você, sua família, seu trabalho, seus amigos ou algo que é importante para você. Neste momento, pense na situação de maior estresse que você viveu nos últimos três anos. Descreva-a em poucas palavras:

As frases abaixo descrevem atitudes que podem ser tomadas em situações de estresse. Assinale o número que melhor representa o quanto VOCÊ fez ou não o que está escrito em cada frase para lidar com a situação estressante que você descreveu acima. Ao ler as frases, entenda o significado da palavra Deus segundo seu próprio sistema de crença (aquilo que você acredita).

	Nem um pouco	Um pouco	Mais ou menos	Bastante	Muitíssimo
Orei pelo bem-estar de outros					
Procurei o amor e a proteção de Deus					
Não fiz muito, apenas esperei que Deus resolvesse meus problemas por mim					
Procurei trabalhar pelo bem-estar social					
Procurei ou realizei tratamentos espirituais					
Procurei em Deus força, apoio e orientação					
Senti insatisfação com os representantes religiosos de minha instituição					
Pedi a Deus que me ajudasse a encontrar um novo propósito na vida					

Imaginei se Deus permitiu que isso me acontecesse por causa dos meus erros					
Realizei atos ou ritos espirituais (qualquer ação especificamente relacionada com sua crença: sinal da cruz, confissão, jejum, rituais de purificação, citação de provérbios, entoação de mantras, psicografia, etc.)					
Tive dificuldades para receber conforto de minhas crenças religiosas					
Fiz o melhor que pude e entreguei a situação a Deus					
Convenci-me que forças do mal atuaram para tudo isso acontecer					
Pratiquei atos de caridade moral e/ou material					
Procurei me aconselhar com meu guia espiritual superior (anjo da guarda, mentor, etc.)					
Voltei-me a Deus para encontrar uma nova direção de vida					
Tentei lidar com meus sentimentos sem pedir a ajuda de Deus					
Tentei proporcionar conforto espiritual a outras pessoas					
Fiquei imaginando se Deus tinha me Pedi para Deus me ajudar a ser melhor e errar menos					
Pensei que o acontecido poderia me aproximar mais de Deus					
Não tentei lidar com a situação, apenas esperei que Deus levasse minhas preocupações embora					
Senti que o mal estava tentando me afastar de Deus					
Entreguei a situação para Deus depois					

de fazer tudo que podia					
Orei para descobrir o objetivo de minha vida					
Fui a um templo religioso					
Busquei proteção e orientação de entidades espirituais (santos, espíritos, orixás, etc)					
Imaginei se minha instituição religiosa tinha me abandonado					
Procurei por um total re-despertar espiritual					
Confiei que Deus estava comigo					
Comprei ou assinei revistas periódicas que falavam sobre Deus e questões espirituais					
Pensei que Deus não existia					
Questionei se até Deus tem limites					
Busquei ajuda ou conforto na literatura religiosa					
Pedi perdão pelos meus erros					
Participei de sessões de cura espiritual					
Questionei se Deus realmente se importava					
Tentei fazer o melhor que podia e deixei Deus fazer o resto					
Envolvi-me voluntariamente em atividades pelo bem do próximo					
Ouvi e/ou cantei músicas religiosas					
Sabia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle					
Recebi ajuda através de imposição das mãos (passes, rezas, bênçãos, magnetismo, Reik, etc.)					

Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus					
Senti que meu grupo religioso parecia estar me rejeitando ou me ignorando					
Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais					
Procurei auxílio nos livros sagrados					
Tentei mudar meu caminho de vida e seguir um novo - o caminho de Deus					
Culpei Deus pela situação, por ter deixado acontecer					
Refleti se não estava indo contra as leis de Deus e tentei modificar minha atitude					